ILUSTRAÇÃO

N.º 266 — 12.º ano

16-JANEIRO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Este homem tem sorte!

Quer dizer que tem mais juizo ainda do que sorte, pois teve a feliz ideia de se precaver contra ataques de dôres de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc., utilisando o famoso remédio "CAFIASPIRINA" da Casa BAYER.

Com uma despeza insignificante tambem V. póde entrar no recinto dos que estão ao abrigo da dôr! Compre já um tubo de Cafiaspirina, na embalagem original "Bayer"

BAYER

Cafiaspirina

PRODUTOS

Mme CAMPOS DE BELEZA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, , 35 LISBOA Telef. 21866

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$oo**
Cada volume encadernado. . . . **17$oo**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Experimente Êste Novo Pó de "Beleza" IMPERMEÁVEL

O Pó Tokalon põe termo ao «luzidio da pele» porque contém um novo e maravilhoso ingrediente chamado «Dupla Mousse» (processo patenteado). Convença-se disso fazendo esta simples experiência: cubra um dos seus dedos com o Novo Pó Tokalon com «Fini Mat», em seguida mergulhe-o num copo com água. Retire-o e observará que o dedo o não está nem húmido nem luzidio, *mas perfeitamente sêco e «mat»*. O pó resiste à humidade porque contém a «Dupla Mousse». É por isso que o Pó Tokalon se conserva oito horas seguidas V.V. Ex.ª poderá dansar tôda a noite numa sala aquècida e ter um rosto tão fresco e encantador como no princípio. O Novo Pó Tokalon com «Fini Mat» não é alterado pela chuva, pelo vento ou pela transpiração. Garantimos que êle acabou, para sempre, com o brilho do nariz.

FAÇA ESTA EXPERIÊNCIA SURPREENDENTE

A' venda em todos os bons estabelecimentos do ramo.

Não encontrando, dirija-se á **AGÊNCIA TOKALON** 88, Rua da Assunção — Lisboa que atende sem demora.

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

Á venda a 3.ª edição de

Neves de Antanho

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. – Amores do Senhor D. Jorge. – D. Brites de Lára. – Um romance na Côrte de D. João III. Desculpa de uns amores. – A filha de Pedro Nunes. – Sóror Violante do Céo. – D. Francisco Manoel de Melo. – Antónia Rodrigues. – Amor aos livros. – Ramalho Ortigão. – Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . 12$50

Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12$00 enc. . . 17$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da païsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.º milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosália — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**

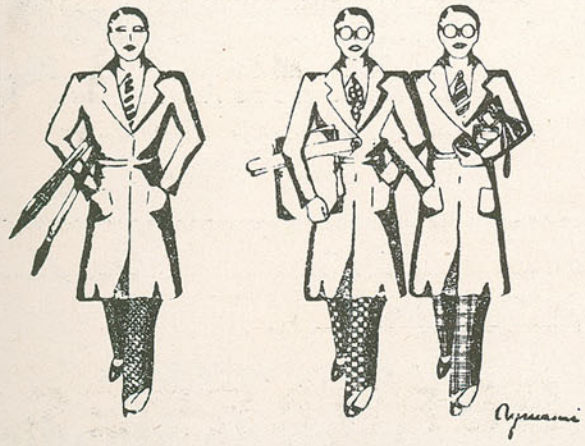
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

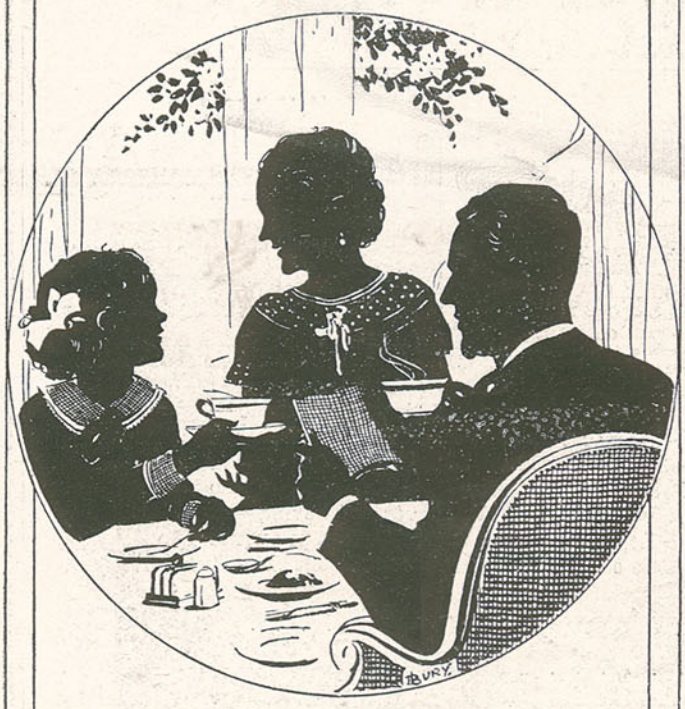
Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12



Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

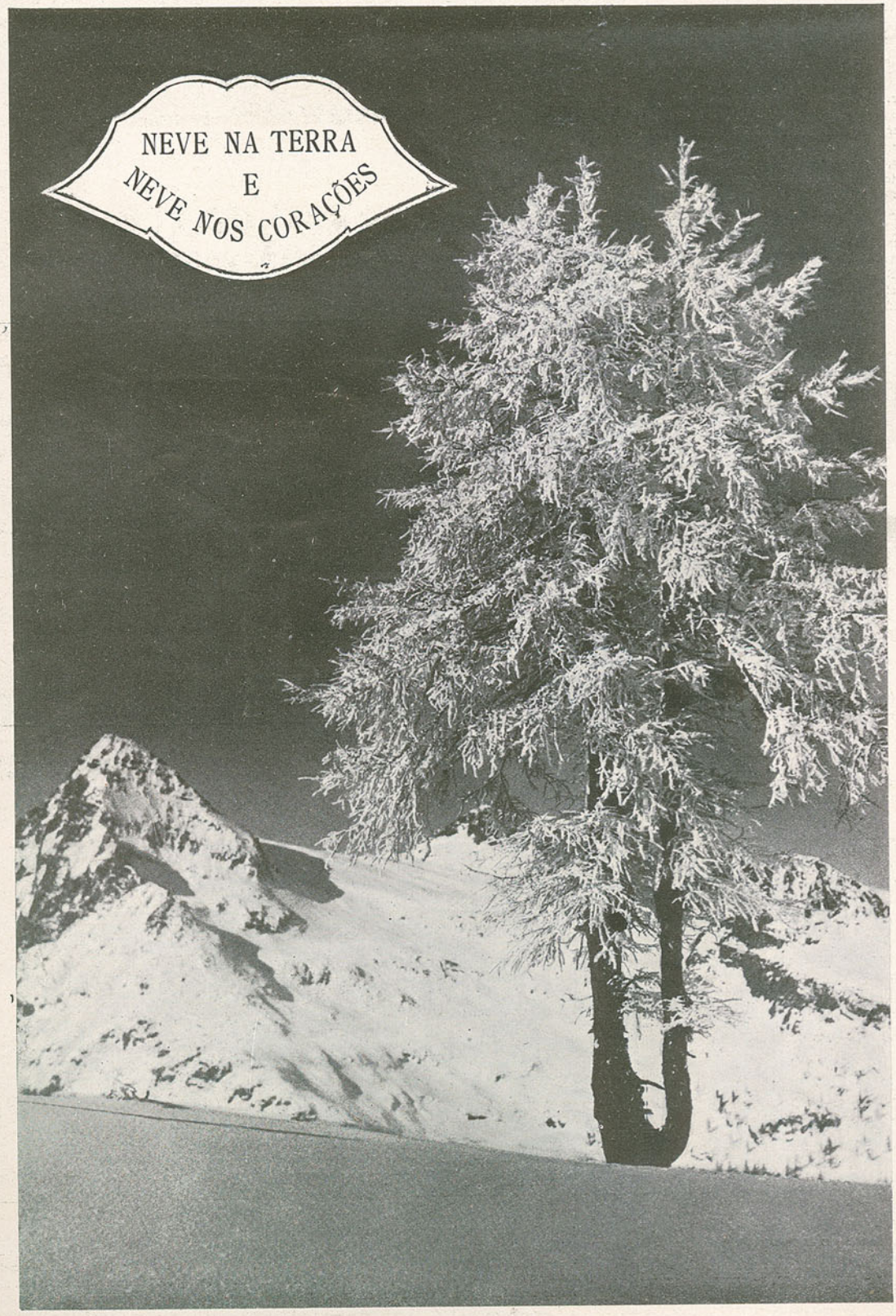
N.º 266 — 12.º ANO
16-JANEIRO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.



FELIZES ENTRADAS DO ANO NOVO

1937

No Palácio Foz. — Entrava o malfadado ano de 1936 na sua agonia, e tôda a gente se preparava o mais festivamente possível para o ver desaparecer para sempre como um flagelo horrendo que não podia deixar saüdades. A multidão, cheia de esperança, aguardava a chegada do Ano Novo que deveria trazer venturas e prosperidades. Grande coisa é ter esperança. Através de Lisboa, eis o que pudemos observar, e que dará uma idea do que foi essa grandiosa recepção prestada ao misterioso 1937. — *A' direita:* Um aspecto da «ceia do fim do ano» nos salões do Palácio Foz, organizada pelos cronistas mundanos e nossos companheiros de trabalho, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques. Festa ruidosa, cheia de atractivos e plena de alegria que esperamos que seja derradeira, pelo menos até o dia de S. Silvestre

No Aviz Hotel. — O *reveillon* foi também muito bem passado, dançando-se alegremente até altas horas da madrugada. Tal como no ano passado — felizmente temos boa memória! — todos se empenhavam em receber com tôdas as honras o Ano Novo, dando a impressão de que lisongeando-o, êle se mostraria mais benévolo, mais afável e mais carinhoso. Afinal, o 1936 foi o que se viu... Ao cabo de doze meses de lastimoso reinado, todos os que o aplaudiram à sua chegada, foram os primeiros a amaldiçoá-lo e a cobri-lo dos piores insultos! Como ontem, e como sempre, o Ano Novo era o ídolo a festejar com o mais ardoso entusiasmo, não se lembrando êstes idolatras que lá para o fim de Dezembro que há-de vir, dirão do 1937 o que disseram do 1936!

No Vitória Hotel. — O mesmo entusiasmo no Vitoria Hotel e em tôda a parte. Festa, regosijo, esperanças risonhas, horisontes amplos nimbados de sonho! Ainda bem! Em pouco se resume a felicidade humana, visto não passar duma piedosa mentira. Festejaram a entrada do 1937, mas não virá longe o dia em que, amadurecidos pela experiência, todos seguirão o exemplo da velha de Siracusa que desejaria a vida do tirano Dionísio por muitos anos e bons, pois que o seu sucessor, à semelhança dos anteriores, deveria ser muito pior. Nessa festa de fim do ano vimos muita alegria, misturada com grande soma de ingratidão... Se até aqueles que tanto e tanto beneficiaram do que 1936 lhes concedeu eram os seus piores detractores! Ser-lhes-á tão propício o Novo Ano que tanto festejaram? Oxalá que assim seja!

SOLENIDADES OFICIAIS DO ANO NOVO

A recepção oficial realizada no dia de Ano Bom no palácio de Belém foi extraordinàriamente concorrida, tendo ido apresentar cumprimentos ao sr. Presidente da República as mais altas individualidades de Portugal

O Chefe do Estado, dando a direita ao sr. dr. Oliveira Salazar, recebe as saudações do Govêrno da Nação. Nesse grupo de estadistas insignes estava sintetizado o renascimento da nossa Pátria

Oficiais de Marinha, ostentando as suas honrosas condecorações, sob os quais pulsava um coração capaz de ganhar mais altas honras ainda

Os oficiais da Marinha de Guerra Portuguesa aguardando o momento de apresentarem as suas felicitações ao sr. Presidente da República. — À esquerda: vê-se a saída do Palácio de Belém após a recepção. Um mar de fardas enchia por completo o Pátio dos Bichos. Notava-se em todos os rostos a satisfação do dever cumprido. É que nessas felicitações se patenteava nítido e eloquente o desejo de que Portugal progrida como tem direito e que seja bafejado pelas mais amplas prosperidades e venturas. Saudar o Chefe do Estado, o mais alto magistrado da Nação, é manifestar, a par do civismo que todos os bons patriotas devem patentear, a sua convicção nos destinos da nossa Pátria

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Dr. Armindo Monteiro, novo embaixador em Londres — O sr. dr. Armindo Monteiro, novo embaixador de Portugal em Londres, subindo para o paquete «Higland Patriot» que o transportou a Inglaterra, a fim de tomar posse do seu cargo. O ilustre estadista teve uma efectuosa despedida por parte das entidades oficiais e dos seus numerosos amigos políticos e particulares, os quais, a-pesar-da chuva impertinente que caiu à hora do embarque, acorreram ao cais da Rocha a apresentar-lhe homenagens

Exposição Retrospectiva nas Belas Artes — Na Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou-se, com a presença do Chefe do Estado, uma Exposição Retrospectiva que é um documentário notável de meio século de trabalho de consagrados artistas nacionais. Abrange um período que vai de 1880 a 1933. Só assim, em face de tantas maravilhas, é que pode fazer-se uma ideia da grandiosidade da vida artística portuguesa. Chega-se até a ter a impressão de que o facto de um artista nosso ir ao estrangeiro colher ensinamentos, pouco adiantaria, visto que os estrangeiros mais teriam a aprender se viessem até cá. Como disse um ilustre crítico, a Exposição Retrospectiva, inaugurada agora na Sociedade Nacional de Belas Artes, e aberta até fins do mês corrente, passa agora a ser — e para ser devidamente visitada — o Terceiro Museu de Arte de Lisboa. — A nossa gravura apresenta o sr. Presidente da República, entre algumas altas personalidades oficiais e vários artistas, na sua visita à Exposição

Festas simpáticas — Um aspecto da assistência à última festa de caridade promovida por um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade na Associação da Juventude Israelita de Lisboa. — A' direita: Comemoração, no Pôrto, do 8.º aniversário do Grupo Turístico «Alma Lusa». A nossa gravura apresenta o sr. Garcez Palha discursando junto do monumento aos mortos da Grande Guerra. Seguidamente o sr. alferes Afonso Almeida, de Artilharia 5, descerrou uma lápida em que se lia a seguinte legenda: «Soldado Desconhecido, símbolo de sacrifício pela Pátria, nós te saudamos e, em ti, a heroicidade da alma lusitana. — O Grupo Turístico «Alma Lusa», em 3-1-1937»

Festas de caridade — Comemorando o Natal realizou-se no vasto salão da Cantina dos Operários do Arsenal da Marinha, no Cais do Sodré, um almôço oferecido pelo sr. ministro da Marinha aos filhos dos que trabalham naquele importante estabelecimento. Foram 600 os pequenos convivas inscritos, recebendo todos, após a refeição os brinquedos que estavam dependurados numa monumental e bem ornamentada árvore do Natal. A gravura acima apresenta o representante do sr. ministro da Marinha e oficiais do Arsenal assistindo à festa. A' direita: Um aspecto do bodo oferecido na Fábrica da Sociedade de Sabões, em Marvila, que não quis deixar passar a festa da família sem espalhar o benfazer

UMA NOTÁVEL DESCOBERTA PORTUGUESA

A ÁGUA DE INGLATERRA

São do dr. Jacob de Castro Sarmento, natural de Bragança, 1691, mestre em Artes pela Universidade de Évora, 1710, e doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra, 18 de Fevereiro de 1717, estes apontamentos sôbre a *Água de Inglaterra*, notável descoberta portuguesa:

"No mesmo tempo principiou a florescer um cozimento forte da mesma casca (Quina-Quina) com o título de Água de Inglaterra, com o qual o dr. Fernando Mendes teve o mesmo, e ainda melhor sucesso, pois recebeu uma generosa dádiva do Sereníssimo Rei D. Pedro, sòmente por comunicar-lhe o remédio, com a condição de o não fazer público. E como a Quina-Quina não estava bem conhecida, e entre alguns era crime nomeá-la; sendo muitas as curas, que fazia a Água de Inglaterra, e ocultando o seu autor o de que se compunha; lhe fez ganhar uma grande fama, e as opiniões dos mesmos, que se opunham à Quina-Quina».

A água, preparada por Fernando ou Moisés Mendes, 14 de Abril de 1681, teve pouca duração. João Lopes Cardoso Machado, delegado de Medicina e Cirurgia de Pernambuco, na sua "Apologia da Água de Inglaterra da Real Fábrica, 1812», narra o aparecimento da Água de Inglaterra, lembrando Fernando Mendes, o seu primeiro manipulador: "Gazeta de Lisboa», 14-1-1720:

"Apareceu Fernão Mendes em Porugal com uma preparação, a qual teve pouca duração no seu uso; ou porque os efeitos não correspondessem aos fins, ou por faltar logo o seu inventor. Seguiu-se o dr. Jacob de Castro Sarmento, assistente em Inglaterra, o qual parece que soube melhor desenvolver os princípios da Quina, ou escolher mais apropriados símplices em combinação; porque a sua Água mereceu uma geral aceitação pelo reino de Portugal.

A lembrança do interêsse, que fazia aquêle médico no consumo das suas garrafas, fêz aparecer logo diversas composições de águas febrífugas, com distintos autores; infelizmente, porém, elas desapareceram como o fumo, e seus inventores ficaram sòmente com a despesa e o trabalho».

Outro inventor da Água de Inglaterra foi o padre Alexandre Botelho, que se dizia herdeiro de uma receita legada por Fernando ou Moisés Mendes.

A lista dos falsificadores, a começar pelos sobrinhos, é muito grande.

Água febrífuga, infuso ou macerado de cascas de Quina-Quina, largamente empregada no tratamento do sezonismo e de outras doenças infecciosas, cujas altas propriedades terapêuticas tinham sido anunciadas pelo cardial de Lugo, em 1650, que as observou nos indígenas do Perú, lançada no mercado de um país que vivia consumido e devorado pelo sezonismo e pelas febres, aguça o curiosidade dos falsificadores.

Dr. Jacob ou Henrique de Castro Sarmento

No seu testamento, referendado por algumas individualidades inglesas, a condessa de Middlesex, o deputado Eduard Wortley Montague e o mestre João Priderving, Castro Sarmento, que foi um dos maiores farmacologistas do seu tempo, médico e amigo do Marquês de Pombal, Embaixador Extraordinário em Londres, legava a manipulação da Água de Inglaterra a sua mulher e a seu filho, Henrique de Castro Sarmento, ambos residentes na cidade de Londres.

O primeiro falsificador foi um sobrinho, o capitão André Lopes de Castro, que fizera um estágio em Londres, junto do tio, e que fôra remetido ao reino, tão mau era o seu porte, e tão pouca atenção dedicara ao estudo e prática da Medicina.

Outro, foi o filho de André, José Joaquim de Castro, cavaleiro de Cristo, e proprietário da Real Fábrica, cujas arrojadas pretensões originaram a discussão travada na sessão de 14 de Maio de 1821, das Côrtes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa.

Outros falsificadores de nomeada, fôram: António José de Sousa Pinto, boticário na cidade de Lisboa, 1809; José Francisco Borralho, boticário da Real Botica de Sua Majestade, 1794; José Cardoso Rodrigues Crêspo, boticário morador na Praça do Rossio, 1788; João António Pereira e Sousa, boticário na Rua da Boa Vista, 1798; não falando de Ana Maria de Brito, que em 1720 a vendia na Rua Nova, a cargo do dr. Fernando Mendes.

Nos livros da Intendência Geral da Polícia, existentes no Torre do Tombo, há várias notas e assentos sôbre as Águas de Inglaterra e seus falsificadores:

"Livro 3, pág. 258; Livro XI, pág. 81; Livro XIII, pág. 4; Livro XIV, pág. 195, o que indica o interêsse que andava ligado à fabricação e venda da Água de Inglaterra, inventada pelo dr. Jacob ou Henrique de Castro Sarmento.

São muito curiosos os seguintes avisos publicados na "Gazeta de Lisboa»: 24 de Setembro de 1805, Decreto permitindo o uso da Água de Inglaterra, de Castro, sem que o seu proprietário seja obrigado a descobrir o segrêdo; de 19, 22, 24 de Fevereiro de 1810; 3 de Abril de 1810; 10 de Maio de 1810; 15 de Outubro de 1810; 31 de Outubro de 1810; 23 de Março de 1811; 22 de Abril de 1811; 21 de Agosto de 1811 e 27 de Fevereiro de 1812.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva, 1825, na sua "Medicina Doméstica ou Tratado de Prevenir e Curar as Enfermidades», diz que "a Nação Portuguesa é assás obrigada a um médico tal como o Doutor Sarmento». Henrique de Paiva foi um dos grandes médicos do seu tempo e tinha muita prática de curar.

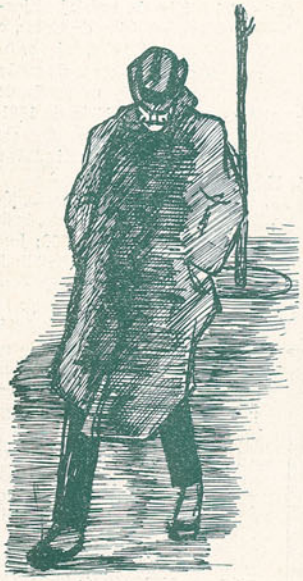
Os testemunhos sôbre a Água de Inglaterra são muitos e existem em tôdas as "Farmacopeias publicadas durante o lapso de tempo decorrido desde 1681 até 1821».

Não há dúvida de que a Água de Inglaterra, da invenção de dois notáveis médicos judeus-portugueses, foi a droga mais receitada e utilizada do seu tempo.

Augusto d'Esaguy.

SOB O SIGNO D "POVERELLO" DE ASSIS

A HORA DE S. FRANCISCO



O capitalista Francisco Ferreira passa já da meia idade, e tem mulher e filhos...

Foi, de pequeno, para o Brasil; ameaIhou como a formiga, e, ao fim de vinte anos, regressou a Portugal, deixando interêsses comerciais no Rio e trazendo, em cheques sôbre Londres, alguns milhares de libras.

Na sua aldeia natal, lá para o Lanhoso, ergueu um palacete; comprou leiras à volta, e murou uma quinta.

Pagou arranjos urgentes da igreja: atirou-se abaixo a velha frontaria gótica, que ruía, refazendo-se em granito aparelhado; e veio do Pôrto um homem consertar o relógio da tôrre, que há um rôr de anos não regulava.

Um seu parente afastado, cónego da Sé, apresentou-o ao Arcebispo, da primeira vez que veio a Braga matar saüdades do Bom Jesus; e êle abriu logo a bôlsa para as obras do Seminário...

Numas eleições renhidas, o administrador do concelho levou-o a pedir votos à vizinhança; e o pároco e êle levaram à urna a freguesia em pêso: a filarmónica do lugar celebrou a vitória dos dois em rija festa, de missa cantada e procissão: o *brasileiro* ofertou-lhe todo um novo instrumental.

Depois, chegou o governador civil, e pregou-lhe no peito a comenda de Cristo!...

Foi por essa altura que o comendador Francisco casou; ia nos quarenta anos. Era alto, bem apessoado, de feições regulares, e bem falante, pela prática de balcão da casa de modas, em que, ultimamente lidara; o cabelo não lhe branqueava ainda...

Sua mulher, Isabel de Sande, pertencia a uma família, que tivera grandes meios; fôra educada em Aveiro, em Santa Joana; vivia, com uns tios em Viana, sempre saüdosa da Lisboa da sua meninice.

Vieram para a Capital, entregando casa e quinta a um feitor. A breve trecho liquidaram os negócios do Brasil; assentaram a maior parte da sua fortuna em títulos da dívida pública.

Pensaram em comprar um velho solar, para os lados da Ameixoeira, que se vendia ao desbarato; mas ficava longe de tudo: estabeleceram-se num andar da Avenida.

Isabel, além das suas devoções, que lhe ocupavam as manhãs dominicais, fazia as suas visitas e recebia ás quintas feiras; o comendador ficava muito por casa; só às tardes dava a sua volta pela Baixa. As noitadas de teatro eram raras. E o verão passavam-no no Norte, na praia da Póvoa e no Lanhoso.

Foram-se os três filhos criando (nas suas orações, Isabel pedia sempre a Nossa Senhora uma filhinha, que a chamaria do seu nome, Maria...): o mais velho, que já tinha seis anos, ia entrar no colégio...

Um dia, tôda a família despertou, a tiros de canhão: era a 4 de Outubro de 1910. A senhora, apavorada, rodeada pelas crianças, acendeu tôdas as velas do oratório... O comendador quis sair, a saber o que era aquilo. Mas, de repente, quando se vestia, uma granada passou perto, silvando: no prédio do lado uma cimalha desabou. Foi-se-lhe todo o ânimo: deixou-se cair numa cadeira... As criadas fecharam herméticamente as janelas: naquele dia ninguém mais ali viu sol.

Lisboa insurreccionada! E as tropas sublevadas ocupavam o alto da Avenida... Francisco não compreendia: no Brasil, a princípio, trabalhara no Amazonas, e, na labuta, mal ouvira falar da partida forçada do velho Imperador, ao retinir, só simbólico, das espadas; no tempo do Floriano, lera nos jornais: — a luta passava-se muito longe, como num outro mundo. Mas na nossa Lisboa — uma coisa destas!

Proclamou-se a República...

O comendador começou a acompanhar Isabel às devoções da Graça. E, quando no Outubro seguinte, Paiva Couceiro, como um Magriço, rompeu da raia, com os seus batalhões desordenados, bradando por Cristo-Rei, já Francisco se viu envolvido numa pequena conspiração de caserna e sacristia, de cujos perigos foi quite com alguns sustos curtidos e a filiação espaventosa no Partido Democrático, anunciada n'*O Mundo*.

Mas a religião não é política, dizia; e, ao constituir-se, em breve, a Associação Fé e Esperança, o comendador pertenceu à direcção.

A sede era na rua do Sacramento, perto do mosteiro de Nun'Álvares: começava então falar-se em S. Nuno...

Claro, a associação era de caridade: enxovais a noivas pobres, lactário a crianças desvalidas, amparo à velhice, e esmolas... Trabalhava-se rijamente; projectava-se um asilo para entrèvados: já acudíam donativos.

As sessões da direcção acabavam tarde — nunca antes da uma ou duas da madrugada.

Certa noite, vinha o comendador a descer a escada, e topou uma mulher que chorava, com um filhinho nos braços.

— Porque chora? — inquiriu.

De cima, o contínuo interveio:

— Essa mulher, já lhe disse que não teimasse: a direcção resolveu que se lhe não desse mais nada. O marido está no Hospital, e não se quere confessar; ela nem foi à desobriga, e o filho mais velho há mais de um ano que largou o trabalho, e anda à moina...

O comendador continuou a descer, e parou à porta, para acertar uma polaina. Ao erguer-se, deu de cara com a pobre da escada, que aconchegava o filhinho no chaile rôto.

A criança tossia, levantando a cabeça. A' claridade crua do lampeão eléctrico, viam-se-lhe rosêtas nas faces.

— Que tem o menino, mulher?

— Tem febre, meu senhor...

O comendador desabotoou o sobretudo, procurou nas algibeiras, tirou a bôlsa de prata, abriu-a, e deu-lhe uma moeda de cinco tostões.

E começou descendo o Chiado, pausadamente, a respirar fundo. E levava as mãos grossas ao colarinho, ora como quem desabotôa, ora como se quisesse alargá-lo... Parou; respirou mais fundo, e voltou atrás, o olhar perscrutando; apressou o passo e alcançou a mulher, que ia andando e remirando os cinco tostões.

— Santinha, tome lá...

E despejou-lhe a bôlsa na mão. Algumas moedas tombaram no chão, tilintando...

Apanhando as moedas, a pobre começou a chorar, de alegria. E, na sua mão, viu brilhar uma delas, dum fulgor de estrêla...

— Senhor, senhor! — e precipitava-se, atrás do seu benfeitor — Senhor, olhe que me deu uma libra de oiro!

O comendador, apressado, dobrava já a esquina do Carmo. E, quanto mais a mulher corria, mais êle corria também na rua deserta!

Meteu pela rua do Príncipe, correndo ainda...

Os últimos carros subiam: dirigiu-se para a paragem.

E os carros passavam uns sôbre outros, e Francisco ria... Não tinha mais dinheiro consigo!

E, consoladamente, desatou a palmilhar, Avenida acima.

Sentia-se forte, como se tivesse rejuvenescido: desde março que nunca havia corrido tão bem!

Começava a chuviscar, e chuviscos de Dezembro! Um relâmpago fuzilou no horizonte... Francisco ergueu os olhos para o céu, e tropeçou.

No passeio, encostado à parede, um velho adormecera, junto da escadaria dum palácio, todo em trevas.

Ouvia-se um ressonar brando. As suas longas barbas caíam-lhe sôbre o peito nu, mal guardado pelas golas sôltas dum casaco apertado, feito de remendos...

Então, Francisco acudiram-lhe à memória contos de criança, em que Nosso Senhor Jesus Cristo figurava sempre de mendigo, amortalhando em farrapos o seu divino esplendor.

E o velho sorria, sonhando... E os seus pés descalços, feridos, pareciam ter ainda o sinal dos cravos da Cruz!

Francisco quereria beijar-lhos, como ao Senhor dos Passos.

A hora de S. Francisco, a bondade infinita, essa divina hora da piedade, que, um dia ao menos, toca sempre todos os corações humanos, — e só não passa mais para os Eleitos — abriu na sua alma um clarão sagrado de aurora, a ância inconsciente da imortalidade, desprendida da terra e das contingências da vida, em ascensão vertiginosa.

Tirou o sobretudo; cobriu com êle o velho pedinte; aconchegou-o, como a mãi fizera ao menino. E, ajoelhado, levemente o beijou na face...

E dolorosamente se afastou, como se deixasse ali alguem ligado ao seu coração, mordido pelo remorso de o abandonar.

E, quando pôde raciocinar, pensou que o problema da miséria só poderia resolvê-lo uma verdadeira revolução. Não uma revolução política ou social sòmente, com tiros de canhão e descargas de fuzilaria, mas uma profunda revolução religiosa, que — fraternamente trouxesse ao Mundo o clarão divino do Céu!

Quando chegou a casa, Isabel ia preguntar-lhe pelo sobretudo... Mas viu-lhe nos olhos o brilho dos olhos que piedosamente choraram; lembrou-se duma freirinha querida do seu convento de Aveiro — "a freira que tinha amado" — e adivinhou logo...

Ao seu bom Francisco, mesário da Associação Fé e Esperança — que tão meticulosamente fazia as suas devoções na Graça, e exercia a caridade, em boa escrituração — tinha chegado, enfim, a sua *hora de S. Francisco*, como dizia a freirinha querida...

E deram ambos, abraçando-se, louvores a Deus!

Lopes d'Oliveira.

HITLER, NAPOLEÃO E SATURNO

HÁ dias, o sábio francês C. Kerneiz, publicou um curioso artigo em que, depois de traçar uma descrição de Saturno, estudava a influência dêste planeta sôbre os homens, e, em particular, sôbre a vida de Napoleão. É também interessante verificar que êste planeta se encontra igualmente no céu do nascimento de Hitler.

Declara o sábio que cada ser, segundo a Astrologia, nasce sob uma influência astral que o acompanha até o fim do seu destino. Esta influência será favorável ou nefasta? É o segrêdo dos planetas que os homens de ciência perscrutam nos dédalos do céu para nos aconselhar nas grandes incertezas.

Benéfica ou maléfica, segundo as circunstâncias, a sua influência sôbre a nossa vida, pode ser revelada nos seus pormenores mais misteriosos.

Se Júpiter pode ser considerado o gigante do sistema solar, Saturno constitui um verdadeiro prodígio. Este planeta enigmático não se contenta, com efeito, em ter dez satélites, dez luas, como cortejo. Tem ainda um anel que o cerca, fazendo realçar mais a sua beleza...

Que a formosa Vénus se rodeasse, na sua vaidade feminina, com tais atributos e espaventos, bem estaria, mas o macambúzio Saturno, que parece andar curtindo uma grande melancolia através do infinito, é que não se compreende muito bem.

Além disso, com a má fama que já possui!...

Os antigos astrólogos consideravam Saturno como o mais desgraçado dos planetas, visto que, nem favorecido por posições e aspectos, conseguia ir além da concessão de felicidades precárias que sempre acabavam em catástrofe. Saturno — diziam êles — acabava sempre por precipitar na Rocha Tarpeia aqueles que elevára às honras do Capitólio. O horóscopo de Napoleão, com Saturno no meio do Céu, constituiu um flagrante exemplo. E — afirma categòricamente o sábio C. Kerneiz — o horóscopo de Hitler oferece a mesma particularidade!

Ora, para bem caracterizar astrològicamente Saturno, é necessário ter em conta que êle é, antes de tudo, o planeta da "Inibição».

A nossa vida é guiada, dia a dia, por duas fôrças contraditórias — a Impulsão e a Inibição. A primeira incita-nos a agir, emquanto que a segunda nos detém, fazendo as vezes de um travão. Raras vezes se manifesta um perfeito equilíbrio, a não ser para os jupeterianos. Ao passo que os planetas Marte, Vénus, Urano, Neptuno e a Lua fazem pender a balança a favor da Impulsão, Saturno exerce o seu predomínio na Inibição. Esta particulariedade da influência, saturnina patenteia-se em todos os campos: sob o ponto de vista físico impede o crescimento, e nas casas V e XI restringe o

Saturno

Napoleão

desejo de ter filhos: sob o ponto de vista moral, a sua acção inibitória manifesta-se pela falta de confiança em si mesmo, num complexo da inferioridade: sob o ponto de vista sentimental, o saturnino pode amar mais profundamente do que qualquer outro, mas é insuficiente para o exprimir, tornando-se, portanto, pouco expansivo, e, assim, dá a impressão de tentar dissimular uma sensibilidade muito viva sob uma afectação de frieza.

O travão de Saturno é também aparente nos acontecimentos da nossa vida, mas, segundo a idade em que se faz sentir, os resultados são bem diferentes. Mais vale que isso comece cedo: a infância será triste e até desgraçada, e a juventude penosa e cheia de contrariedades dolorosas.

Neste caso, poucas vezes o travão afrouxa antes que apareçam os primeiros cabelos brancos. Mas, então, pouco a pouco, tudo se esclarece: o êxito vai chegando lentamente, mas com segurança e firmeza. Pode também dar-se o contrário, isto é que a ameaça saturnina se conserve adormecida durante longo tempo desde o princípio.

Hitler

E, assim, a infância e a juventude decorarão em maré de rosas, até que chegue o golpe brutal que arremessará a meia idade e a velhice para a temida catástrofe.

A influência de Saturno, — planeta lento, pois que leva cêrca de trinta anos a cumprir a sua translação em volta do Sol — é considerável sôbre os acontecimentos mundiais.

Pode dizer-se talvez que o seu poder vai além do de Jupiter.

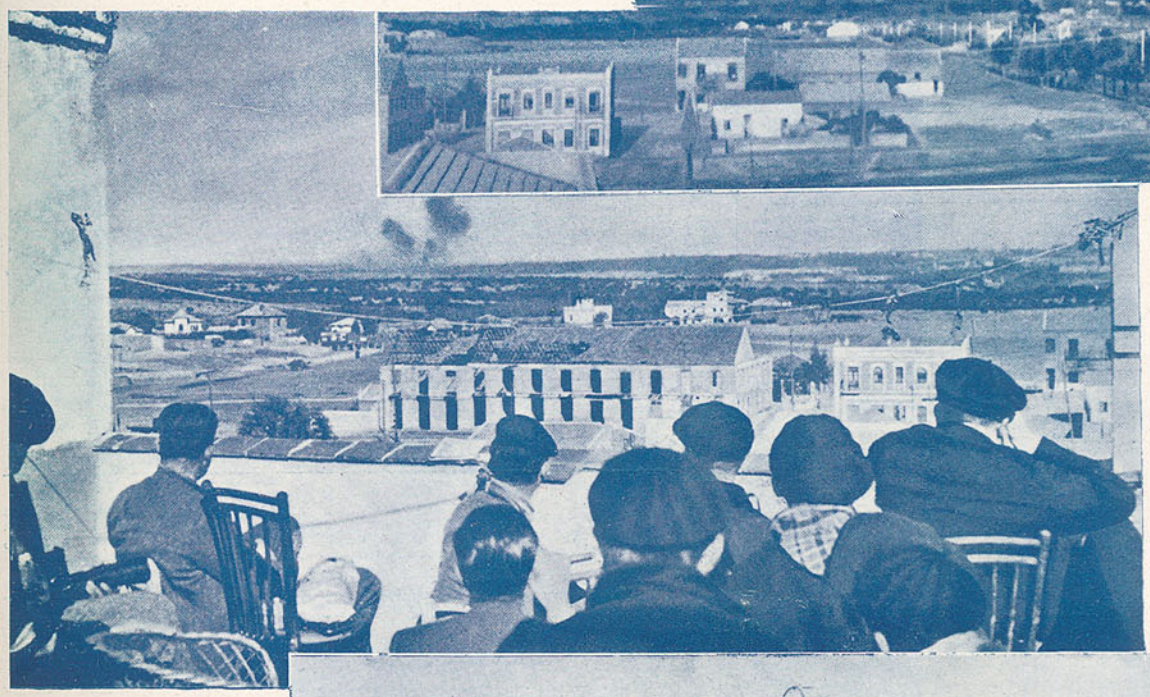
A sua acção tém, por vezes, paragens brutais e espectaculosas: temos, por exemplo, a carreira de Napoleão. A sua quéda foi seguida pela Restauração, isto é, uma marcha atraz para ligar o ano de 1815 ao élo partido de 1789.

A acção de Saturno sôbre os negócios do Mundo parece exercer-se, quer directamente sôbre certas classes das populações, quer seja sôbre tôdas as outras como fôrça intermeditária: estas classes são as que vivem da exploração do solo ou do sub-solo, ou sejam os aldeões e os mineiros. E — coisa curiosa! — esta influência manifesta-se muito nitidamente também sôbre os produtos da sua actividade. A passagem de Saturno através dos diferentes signos, as influências que aí recebe dos outros planetas, exercem como que uma correspondência de flutuações altas e baixas nos géneros agrícolas, no carvão, nas várias espécies de minério. E não é dificil reconhecer os artigos mais especialmente interessados segundo os pontos do Zodíaco ocupados por Saturno, ou segundo os planetas que formam configurações com êle.

Sôbre os acontecimentos familiares da nossa existência, a influência de Saturno não pode ser satisfatória, mesmo quando se apresentem sob aspecto benéfico.

Qual será o futuro de Hitler?

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA



A artilharia nacionalista abre fogo contra Madrid, antes do ataque da infantaria. Na gravura abaixo veem-se os jornalistas estrangeiros assistindo às várias fases do ataque do alto de um terraço. Todo o mundo deseja saber notícias da guerra, mas põe de parte o trabalho tão árduo quão arriscado dos *reporters* que topam com a morte a cada momento. Após a luta, emquanto o vencedor colhe os louros da vitória, o jornalista recolhe à sua pátria, ignorado e humilde como sempre, não obstante ter contribuido para glorificar herois

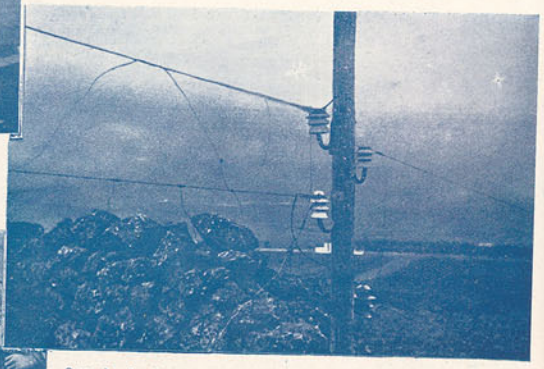
Transporte aéreo de tropas marroquinas para Espanha. O que diria Muley Hamet se voltasse a êste mundo e verificasse a viagem de Tetuão a Sevilha se faz em poucas horas? Não devemos, no entanto, rir do espanto que o antigo chefe mouro patentearia, visto que daqui a algumas centenas de anos há de haver quem se ria muito mais da nossa inferioridade. Numa tão progressiva evolução, quem poderá prever onde se poderá chegar ainda?

Tropas nacionalistas em Alcorcon a seis milhas do rio Manzanares, aguardando o momento de avançar sôbre a capital espanhola. Com uma tal persistência, a vitória deve sorrir-lhe dentro em breve, como todos os patriotas espanhois ardentemente desejam. É duro o sacrificio, mas não tardará a merecida recompensa para glória e felicidade da Espanha

A GUERRA CIVIL NA VISINHA ESPANHA

ALGUNS ASPECTOS DESTA LUTA CRUEL

A igreja de Torrijos transformada em garage pelos marxistas sem o menor respeito, não só pelas crenças alheias, como pelas preciosidades artísticas que a alma singela do povo ali venerava. Eis o que a gravura apresenta: uma camioneta do «Deposito de Cervezas La Barx — marca Cruz Blanca» ocupando o primeiro plano num horrendo sacrilégio!



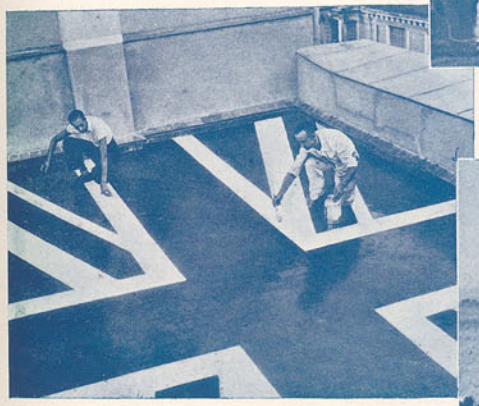
O uso de cabos de alta tensão na guerra moderna dá uma idéia do que está sendo a luta travada em Espanha. A gravura acima apresenta um dos postes que constituem a defesa de Malaga, visto que fulminarão implacavelmente qualquer incauto que lhes toque. Mas, a nosso vêr, as tropas nacionalistas, conhecedoras do perigo, saberão evitá-lo

Fôrças marroquinas na frente de Madrid: um grupo ostentando os seus fardamentos e equipamentos em boa ordem. Apesar da proximidade do inimigo, estes árabes não parecem manifestar grande sobressalto. À primeira voz, atirar-se-ão para a frente sem a mais leve hesitação, como sempre o souberam fazer nos mais aflitivos lances. Entretanto, aguardam pacientemente o momento de avançar

Grupo de proprietários rurais de Sevilha a caminho de Marchena com o fim de expulsarem dali as hordas marxistas que talavam as povoações como um pavoroso flagelo. A nossa gravura apresenta-os em tôda a sua galhardia de verdadeiros *cow-boys*

Um sacerdote vestido com trajos seculares consegue encontrar num sótão da aldeia de Teba tôdas as pratas e os arquivos da sua igreja que mãos piedosas ali foram esconder para livrar estas preciosidades de novas profanações. Como a pessoa que havia escondido o precioso espólio tivesse morrido, chegou a supôr-se que tivesse sido roubado. Felizmente apareceu intacto. A' direita: Um marroquino das fôrças que atacam Madrid passa vistoria às bagagens que saem. Junto dele, um oficial segue a conferência com as respectivas guias

As fôrças nacionalistas possuem equipamentos modernissimos em que o útil está ligado estreitamente ao prático. A nossa gravura apresenta metralhadoras conduzidas no dôrso de mulas, e prontas a funcionar à primeira voz, sem grande dispêndio de energia. Esta guerra civil se não fôsse a terrivel destruição que espalha, poderia ser considerada uma curiosa feira de amostras



Tendo caído uma bomba no jardim da Embaixada Inglesa, em Madrid, foi pintada no tecto do edifício uma grande bandeira britânica que advertirá os aviões de bombardeamento do local que lhes é vedado para alvo

Após um bombardeamento aéreo a Madrid, vê-se um avião esfacelado sôbre vários outros destroços. Junto, um oficial contempla a águia derribada que não mais tornará a levantar vôo

O representante do Sultão de Marrocos visita com os membros da sua comitiva a cidade de Sevilha. — A' direita: Na frente sul de Madrid, após um intenso bombardeamento pelas fôrças nacionalistas, um oficial comanda heroicamente os seus soldados, sob um chuveiro de balas, a tomar o edifício donde os marxistas acabam de ser desalojados. Esta gravura dá uma idéia da bravura dos nacionalistas que se sacrificam para a completa libertação da sua querida pátria. As suas energias mantêm-se firmes como na primeira hora em que a alma tradicionalista de Espanha despertou para a luta, visionando os triunfos que a velha e fidalga Castela soube acumular junto do seu leão simbólico. E, como noutras eras, a guerra santa que se tornava indispensavel para o bem da Espanha. Do seu solo revolvido pelos engenhos da guerra, brotarão as messes doiradas que o sangue dos mártires matisará de rubras papoilas

A HERANÇA MISTERIOSA

«E pela fôrça da minha terça, de que livremente posso dispor, deixo ao meu particular amigo..... a minha propriedade de ....., a cujo produto, logo que a possa vender, dará o destino que lhe confiei, e de que não tem que prestar contas, ou fazer qualquer declaração...»

TODAS as manhãs muito cedo, ainda noite cerrada, acendia a vela, saltava fora do quente da cama, dizia à mulher que não podia dormir mais, lavava-se, vestia-se, com vagar e delícia, cantarolando baixinho, embrulhava-se no capote antigo, descia o chapéu para os olhos.

— "Vou ver nascer o sol..." — e saía, tornando a fechar a porta à chave, a assobiar, muito risonho.

A iluminação, ainda a petróleo, esmorecia, pálpebras que descaem de fadiga. O ar mais fresco e mais leve. As esquinas, tão agressivas ao sol, coçadas da farrapagem, dobravam-se numa discreta familiaridade e respirava-se, na quietação das ruas, aquela desinteressada e comovida simpatia com que nos unge a alameda dum cemitério. Recolhiam da batota figuras angulosas e cansadas, e, por vezes, topava com um boémio bordejante e pálido, mordido pelo álcool e pelo sono, na tôrva abstracção dum outro mundo.

O relógio sempre na mão, os minutos, zic-zic, na indiferença da máquina, estugava o passo, o coração batia-lhe, o desejo a estender as asas como pintassilgo na gaiola. Ia entrando, com cautela, no travesso, os lúzios apalpavam as surpresas da sombra... e, agasalhado pelo silêncio, abria, enérgico, o sangue a pular como moços em romaria, a porta duma casinha estreita e térrea. Minutos depois, nozes de dedos nervosos truqueavam, leve, nos vidros. Colava o ouvido ao janelo sempre entaipado, e de voz doce, abafada, preguntava:

— "És tu, Rosária?"

— "Sou, meu amor!"

Um galo rompia a noite cocoricando...

Soavam forte no passeio uns tamancos ferrados, de lavrador por certo. Nos sinos, o dlam-dlam da primeira missa. Eram, a seguir, os passos miúdos das leiteiras... O seu delíquio intenso, perturbado, a última seiva da vida queimada na fogueira do amor, ateando-lhe a imaginação, servia-lhe como de viagem do espírito para além da barreira das apoquentações, fora de portas da lufa-lufa comercial. Dobrara o cabo tormentoso dos cinqüenta, a morte era o jôgo da lotaria próxima, como luz que se adivinhava no adelgaçar do escuro e que não tardaria a separá-los.

Um segrêdo de dez anos! e tôdas as manhãs, ali no quarto estreito, pelintra, cheirando a rato morto, pitadas de farelo no soalho, da traça, êle vivia com a operária, uma rapariga de estalo e compostinha, que lhe trouxera as ignoradas carícias da meiguice singela, o seu derradeiro amor, a paixão do espírito e do sangue... o sangue derramado pelo sol na macia fluidez do poente.

.....

Mas um silvo de fábrica apunhalava o ar. Eram horas... Um beijo mais preso e mais terno, já de saüdade, ainda de esperança.

— "Vai, vai. Adeus."

— "Até amanhã."

Ela saía, primeiro.

Êle fumava um cigarro preguiçando-se, como no calor do leito depois dum bom sonho.

Quando o caixeiro vinha abrir o armazém, já o encontrava, passeando, à espera.

— "Bons dias, patrão."

— "Bons dias, rapaz. Toca a trabalhar que são horas."

E nunca ninguém, em sua vida, teve a mais leve suspeita da oculta e deliciosa paixão daquele homem, que foi tão rico de haveres como da consideração e agrado do Mundo.

O amigo, a quem, moribundo, confiou o segrêdo, não pôde cumprir a disposição testamentária, porque, por mais que tenha procurado a humilde operária, por todos os meios, em tôda a parte, nem traça de passagem conseguiu encontrar, misteriosamente desaparecida também, como ao silvar da fábrica, pela manhã, quando lhe aparecia a luz do bem-estar e da independência...

Eduardo de Almeida.

A EVOCAÇÃO DO CAFÉ MARTINHO

Marcelino Mesquita

Promovida pelo «Grupo dos Amigos de Lisboa» foi celebrada a evocação do Martinho, o venerando café, cujas gloriosas tradições bem mereciam esta homenagem.

O nosso querido poeta João Saraiva, convidado a colaborar nesta festa, escreveu uns enternecidos versos que foram recitados magistralmente pela actriz Aura Abranches. O grande lírico, evocando os belos tempos do Martinho, em que, sentado à mesa do Fialho, era servido pelo saüdoso criado Valentim, deu a verdadeira nota impressiva que só muito dificilmente poderia ser encontrada.

Onde tudo isso ia já! Meio século! uma vida! quási uma eternidade nestes velozes tempos que vão correndo!

Eis os versos do ilustre poeta:

O VALENTIM

Quarenta anos depois de o ter deixado,
Volto ao Café Martinho inda uma vez...
Onde estás, Valentim, meu servo honrado,
Que já não vens servir o teu freguês?

Sentias-te, decerto, fatigado,
E estás na terra a descansar, talvez!

De olhos cerrados, lembro os teus fregueses,
Meus companheiros, corações leais:
O Fialho!... O Marcelino!... Quantas vezes
Os vejo como sombras espectrais!

Onde serves agora, em teus revezes,
Esses amigos que não voltam mais?...

Na mesa do Fialho irás, curvado,
Pôr outra chávena, a pensar em mim:
— "Se lhe deito o café, fica gelado!
Espero-o ainda que há de vir por fim..."

Ó velho servidor, muito obrigado!
Eu demoro-me pouco, Valentim!...

JOÃO SARAIVA.

Lucília Simões e Erico Braga

João Saraiva

Fialho de Almeida

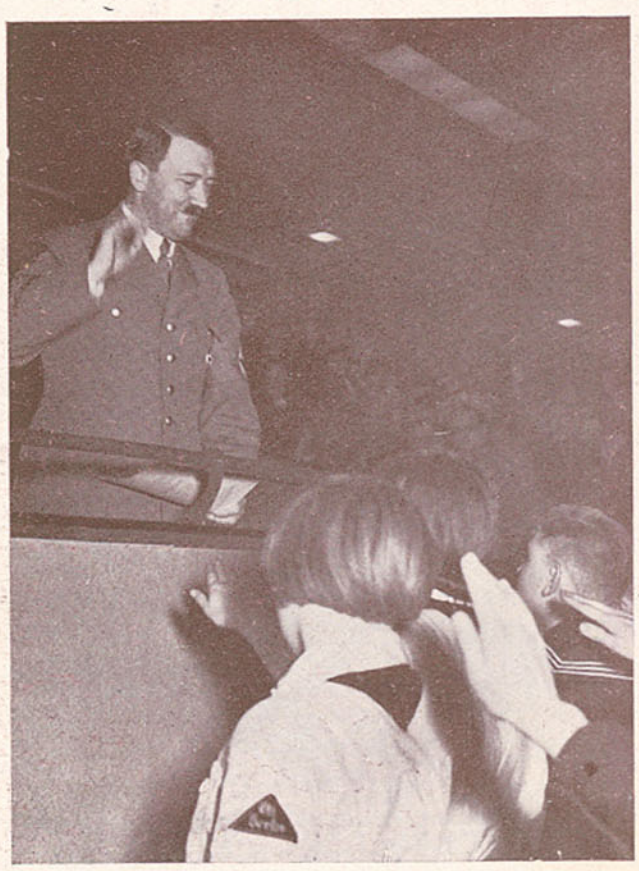
A grande actriz Lucília Simões, vestida à moda do último quartel de oitocentos, recitou a poesia «Lisboa», de António Nobre; Erico Braga, rigorosamente à época dos fins do século passado, interpretou a cantiga «O Marialva»; e Estevão Amarante, envergando a indumentária do velho cocheiro batedor alfacinha, recitou o «Bons tempos, meu patrão!».

Viveu-se um pouco dessa época distante que a recordação envolve num nimbo de saüdade, tornando a mais bela ainda!

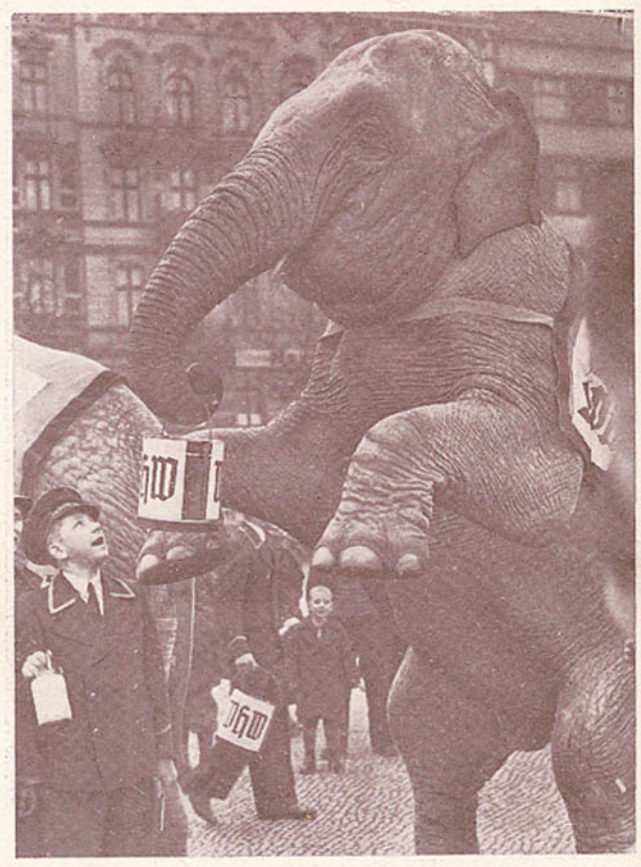
Só nestes momentos é que se compreende bem o «delicioso pungir de acerbo espinho» de que nos falou Garrett. O pobre Valentim morreu — e ainda bem para êle! Como lhe seria penoso manter-se no seu posto a servir cafés nos tempos de hoje, êle que teve as honras de ser o criado preferido dos maiores intelectuais do seu tempo!

Estevão Amarante

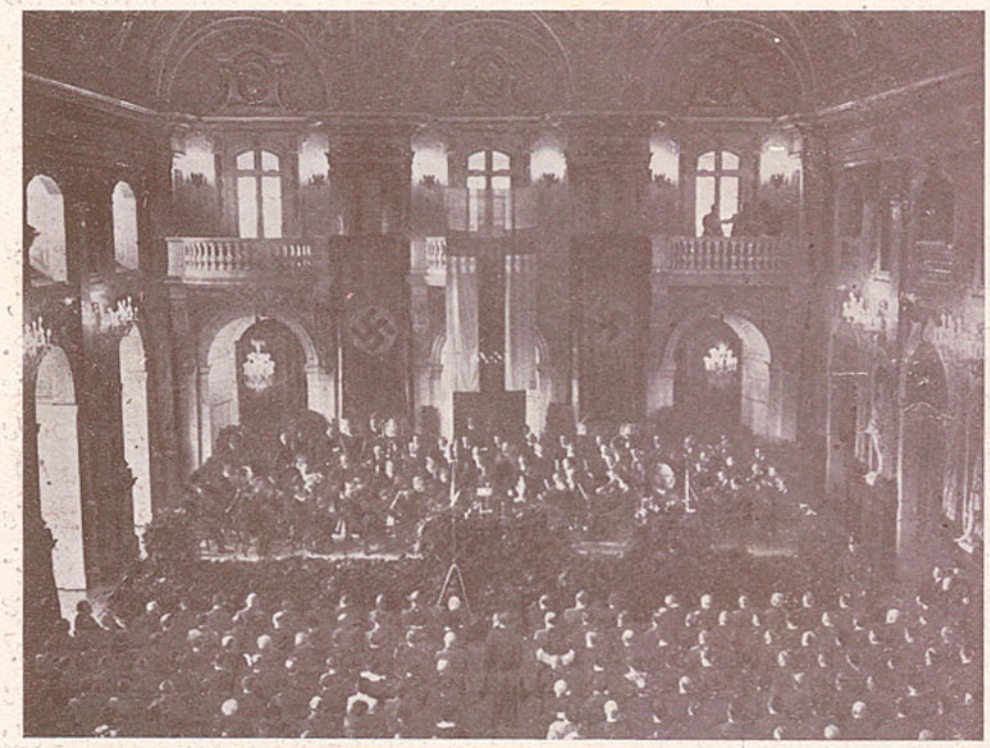
ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



O «Socorro de Inverno» na Alemanha — A idéia do «Socorro de Inverno», na Alemanha, obteve tão extraordinário êxito que até as crianças correram a dar a sua inocente cooperação. A nossa gravura apresenta Hitler ante os petizes entusiasmados que disputam a primazia de saudar pessoalmente o Führer. Um côro de duas mil crianças, com acompanhamento da banda da guarda pessoal de Hitler, deu um grande concêrto, cujo produto reverteu para a benficência



O benemérito elefante Jenny — As mais proeminentes personalidades das Artes, das Ciências, dos Desportos e das Indústrias da Alemanha coadjuvaram a obra «Socorro de Inverno», que conseguiu obter mais de 5 milhões de marcos, indo assim além do que foi obtido no ano passado em cerca de 30 por cento. Na gravura vê-se o celebrado elefante Jenny, que constitui uma das maiores atracções do Scala de Berlim, atravessando as ruas, em peditório, com a caixa dos donativos pendurada na tromba



Homenagem ao Presidente da Finlândia — Por ocasião do 75.º aniversário natalício do Presidente da República da Finlândia, foi realizada em Berlim uma festa que revestiu a maior solenidade. A nossa gravura mostra o aspecto da sala branca do Palácio de Berlim durante a cerimónia. O venerando Per Evind Svinhufvud, que termina o seu mandato em 1 de Março próximo deveria sentir uma grande satisfação em face das entusiásticas provas de simpatia que obteve através do Mundo civilizado, como prova flagrante da admiração que lhe merece um homem que, através de tôdas as contingencias, tem sabido cumprir o seu dever como estadista, como patriota e como cidadão

A iniciativa do «Prato Único» em Berlim — A iniciativa do «Socorro de Inverno» obteve o mais estrondoso êxito. A determinação do dia do prato único a favor da obra benemérita, foi acolhida com verdadeiro jubilo. A nossa gravura apresenta um aspecto do almoço oficial do prato único, vendo-se o Pai Natal pedindo um óbolo ao ministro do Interior húngaro, de Kozma (à esquerda) e ao ministro do Interior do Reich, dr. Frick. Como se vê, a Alemanha está dando o mais belo exemplo de economia a todos os países nas horas de incerteza que soam sôbre o Mundo inteiro. Com um pequeno sacrifício, pode evitar grandes calamidades que têm sempre os mais trágicos efeitos

O incêndio do Potsdamer Platz — Tendo-se manifestado incêndio no sector da construcção Potsdamer Platz, o sinistro não atingiu grandes proporções, graças à perfeita organização dos bombeiros de Berlim e à eficiente ajuda do Corpo de Socorro Técnico. Imediatamente, o Presidente do Conselho de Ministros, general Goering e o ministro do Reich, dr. Goebbels compareceram no local. A nossa gravura mostra o chefe do govêrno e o ministro da Propaganda, vendo funcionar o material de incêndio

As «janeiras» norte-americanas — Segundo um antigo costume, os alunos e as alunas da escola americana em Berlim cantaram as «janeiras» diante das casas dos norte-americanos residentes na capital do Reich. Na gravura acima vê-se o embaixador norte-americano, Prof. Dodd com sua espôsa, ladeada pelos «Christmas Carols», diante da embaixada dos Estados Unidos em Berlim. É sempre interessante ver a juventude em botão evocar as tradições velhinhas com a sua candura, jovial, cativante e enternecedora

FIGURAS E FACTOS

Dr. Santana Rodrigues

A Justiça e a Ciência, é o título dum novo livro do dr. Santana Rodrigues, ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Nas suas páginas, de flagrante oportunidade, o autor mostra, além da sua indiscutível autoridade, as altas qualidades de escritor primoroso e modelar

Bernardo de Passos

Mais um livro póstumo do grande poeta algarvio Bernardo de Passos. Intitula-se *Refúgio,* e foi carinhosamente publicado pela família que se dedicou a êste culto com o maior enternecimento. No jardim matizado da nossa literatura fazia falta esta flor de capitoso perfume que germinando no encantador Algarve, é querida em todos os pontos de Portugal

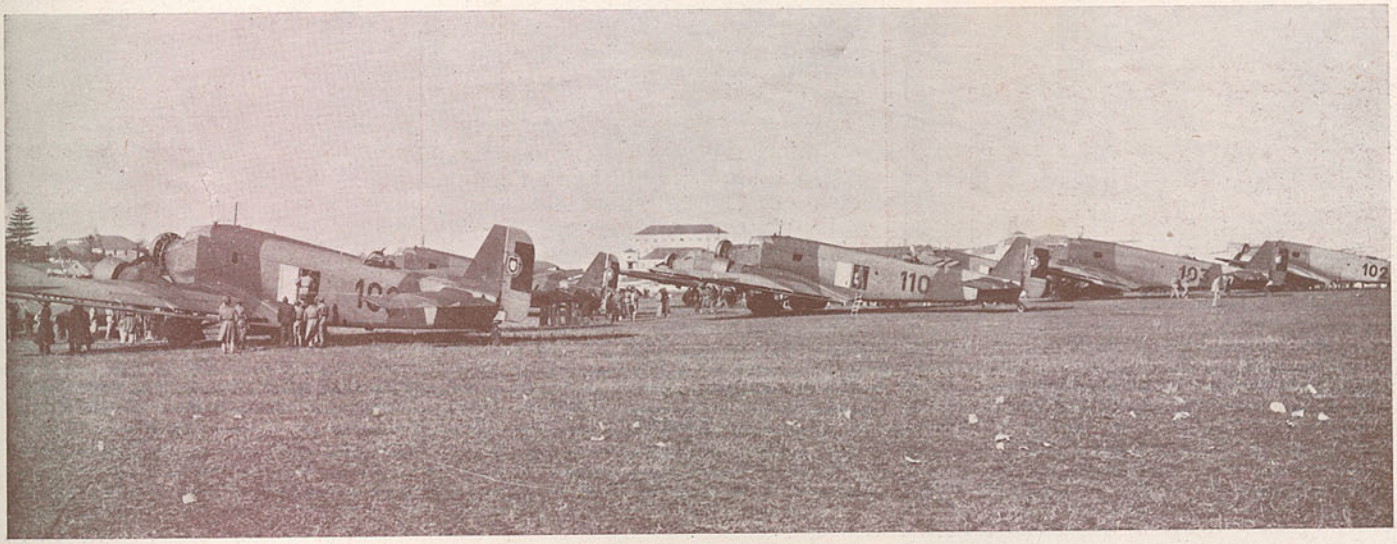
Dr. Mário Monteiro

Antes de tomar o rumo da Terra Brasileira, o dr. Mário Monteiro quis erguer um hino a essa pátria amiga de Além-Mar. Intitulou-o *Bilac e Portugal* e apresenta-o num elegante volume. Lendo-o glorificamos o poeta excelso da *Via Láctea,* e ficamos a querer mais ainda ao Brasil. E quem melhor poderia glorificar um poeta do que outro poeta?

Armando Ferreira

Apareceu *O galã de Alcântara* que constitui o 3.º volume da série «Lisboa sem camisa» tão afortunadamente iniciada por Armando Ferreira, o consagrado humorista que há muito tempo apreciamos. No seu género, o autor de *O galã de Alcântara* não encontra quem se lhe equipare

O prestigioso patrão-mór dos pilotos do Rio e Barra de Lisboa, sr. Eduardo Augusto Florencio, foi homenageado, tendo esta festa revestido um alto significado. Bem o mereceu este verdadeiro homem do mar que mantem uma actividade de quarenta anos nêsse arriscado serviço, dando provas de notáveis qualidades de abnegação e sacrifício. — A' direita: O sr. ministro das Obras Públicas com os professores que tomaram parte na sessão comemorativa do centenário da fundação das Escolas Médico-Cirúrgicas, realizada na Sociedade de Ciencias Médicas



A chegada de dez potentes trimotores «Junkers», JU-52, de grande bombardeamento, que vieram engrossar as fileiras da quinta arma, conseguiu encher de jubilo, não só os aviadores, mas todos os bons portugueses. Chegaram na vespera de Natal como um presente do ceu. A nossa gravura apresenta os dez aparelhos alinhados no aerodromo de Sintra, simbolizando uma Pátria que pode erguer o seu vôo afim de contemplar tôda a grandeza do seu Passado e a firmeza do seu Presente

Figuras da Raça (composição de António Carneiro)

VELHONTAS

A TRAIÇÃO DE RODRIGUES LOBO

PORQUE É DESPRESADO O POETA DAS «ÉGLOGAS» PELO NOSSO POVO?

CERTO literato da nossa praça propôs há dias a um conhecido editor a publicação das obras de Francisco Rodrigues Lobo para que o povo começasse a ter uma certa consideração pelo tão engenhoso quão desgraçado poeta do Lis.

O nosso editor sorriu-se, e regeitou a proposta que classificou de ingénua. Pois valeria a pena editar Rodrigues Lobo, se o público não o queria nem de barro à porta?

De que serviram as loas inflamadas de alguns críticos que chegaram a considerá-lo o nosso maior bucolista?

Pois se até apareceu um que teve o ousio de garantir que "onde Rodrigues Lobo é grande como poeta lírico é nas églogas e nos tercetos, nas redondilhas (aqui sem dificuldade mais belo do que Camões) e nos sonetos»!!

Mas, antes de entrarmos em confrontos, vejamos o verdadeiro motivo da solene antipatia do nosso povo pelo mavioso Fileno.

Em boa verdade, é estranho que, em face duma tão ardente apologia que coloca Rodrigues Lobo acima de Luiz de Camões — o maior poeta lírico do Mundo e de todos os tempos — continue essa aversão pelo grande poeta bucólico.

Porque é que a população portuguesa, tanto a analfabeta que delira com Bocage, como a que lê alguma coisa, soletrando Camões e João de Deus, ao ver erguer loas ao poeta do Lis, passa de largo, e não se digna aderir à manifestação?

Porque não é Rodrigues Lobo um poeta popular?

Tão sòmente porque foi um traidor.

É que o nosso povo não se esqueceu nunca de que êle, na sua qualidade de português dessorado, se rojou como um rafeiro aos pés do estrangeiro opressor da sua pátria, escrevendo *La jornada que la Majestad Católica del Rey Don Phelippe III de las Hespañas hizo a su Reyno de Portugal y el Triumpho y pompa con que la recebió la insigne Ciudad de Lisboa el año de 1619.*

Houve quem tentasse desculpar esta falta de patriotismo, atribuindo-a ao dever de gratidão que o ligava ao marquês de Vila Real, seu amigo e seu protector, que se devotara de corpo e alma à causa de Castela. Fraca razão que mais compromete o agradecido poeta!

Afirma-se também que, tendo o referido marquês confiado a educação dos seus filhos a Rodrigues Lobo, êste levara o seu ousio a requestar-lhe a filha, enviando-lhe tão amorosas endeixas que o titular foi forçado a tomar as mais enérgicas precauções.

Desejando ardentemente agradar ao marquês que, além de conselheiro de Estado e de valido da côrte felipina, era o respeitável pai da dama dos seus sonhos, o poeta, como tantos outros, começou a cantar, o mais entusiàsticamente possível, as excelsas virtudes de Felipe III. Talvez assim o pai da sua beldade se enternecesse, vendo que um vate de tal envergadura lhe oferecia em holocausto as suas ideias patrióticas.

Mas não é nossa intenção discutir o patriota, mas simplesmente o poeta que, a nosso ver, se limitou a decalcar o que Camões escrevera.

Eis um confronto para mais completa elucidação:

Descalça vai para a fonte,
Leonor pela verdura,
Vai formosa, e não segura

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro o trançado,
Fita de côr de encarnado,

Tão linda que o mundo espanta:
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à formosura,
Vai formosa, e não segura.

Camões

Rodrigues Lobo sai-se com esta:

Descalça vai para a fonte,
Leonor pela verdura,
Vai formosa, e não segura

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai formosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita na sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha,
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixam escuro,
Vai formosa, e não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acaba de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça,
Qualquer pègada que faça,
Faz florescer a verdura,
Vai formosa, e não segura.

Não na ver o Sol lhe val,
Por não ter novo inimigo,
Mas ela corre perigo,
Se na fonte se vê tal,
Descuidada dêste mal,
Se vai ver na fonte pura,
Vai formosa, e não segura.

Rodrigues Lobo

Ora, no exíguo espaço de que dispômos, não podemos estabelecer confrontos para demonstrar que Rodrigues Lobo não existiria se não tivesse aparecido Camões.

Pondo de parte os hinos que alguns críticos erguem ao poeta do Lis, limitar-nos-emos a aceitar como boa a definição apresentada por Camilo Castelo Branco, ao referir-se a Rodrigues Lobo:

"Não era homem para arrojadas innovações; não tinha originalidade alguma; porém, no verso e na prosa acatou respeitosamente Camões e Barros, cunhando-lhes a efígie em todas as obras da sua lavra. É digno de ombrear com os principais clássicos».

Assim, sim, é que a coisa começa a compreender-se.

Que foi um grande desgraçado, isso tôda a gente sabe, a avaliar pelo triste fim que teve, afogando-se no Tejo, após uma vida de torturas e contrariedades.

Aí por volta de 1622, descia o Tejo numa falúa, em que seguia também o conde de Assentar. Surpreendido por uma terrível tempestade que voltou a frágil embarcação, o poeta foi engolido pelas águas revoltas.

Foi pena que tal acontecesse, não só porque se perdeu um poeta, mas porque se tivesse durado mais dezoito anos, teria assistido à restauração da independência de Portugal e à expulsão dos Felipes que tanto louvaminhara. Como Bocage, não poderia achar o seu fado semelhante ao de Camões, por mais que os cotejasse. Nem mesmo no naufrágio, em que lhe falharam os recursos de nadador, apesar da simpatia que sempre manifestou pelo Tejo:

Formoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

Compadecido talvez, o Tejo acolheu-o no seu seio álgido, onde o desventurado poeta afogou os últimos soluços.

Embora deixasse uma obra engenhosa que os eruditos podem apreciar com mais ou menos exageros, da nódoa de mau português, traidor à sua pátria, é que nem tôda a água do Tejo seria suficiente para o lavar...

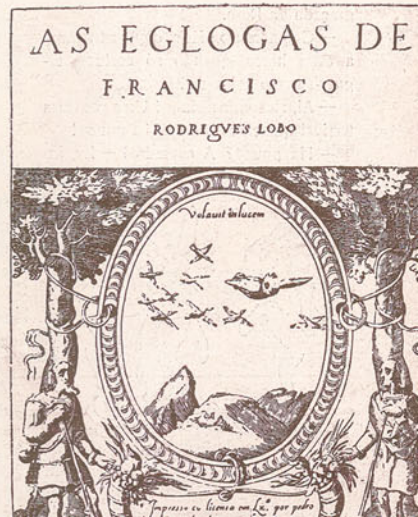
E assim se explica a pouca ou nenhuma importância que o nosso povo lhe liga

Gomes Monteiro.

← *As Tágides* (ilustração de Soares dos Reis)

O «*Trinca-Fortes*» de José Malhoa)

Francisco Rodrigues Lobo



«*As Eglogas*» de *Rodrigues Lobo* (edição de 1605) →

NO REINO DA BICHARADA

A feia mentira da Coelhinha Bonifácia

Logo ao romper de alva, ainda mal o céu estrelado começava a clariar, e a Lua, cansada do seu giro nocturno, empalidecia, pronta a recolher-se ao seu leito de nuvens, logo que surgisse o inimigo com quem não quere encontrar-se — o Sol, já a Coelhinha Bonifácia, mais conhecida pela Bonifácia Mentirosa, estava sentada á entrada da toca, cofiando os bigoditos, e magicando a melhor partidinha a fazer nesse dia...

E, quando a Lua se sumiu nas profundezas do céu, subindo do nascente o astro do dia, Bonifácia, janota e aperaltada, batia à porta da sua comadre Lebre Rosa — a Lebre Espertalhona — segundo voz corrente.

— Truz-truz... Truz-truz...

— Quem é? — perguntou de dentro a voz ensonada da Rosa.

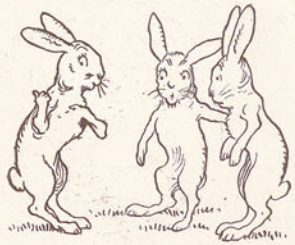
— Sou eu, comadrinha do meu coração! A comadre Bonifácia — respondeu, a sorrir de finura, a Bonifácia, muito contente com a partida ruminada...

Logo se ouviu um restôlho interior, como de bichaninha levantando-se apressada, correram-se fechos, e a porta da toca que a Lebre instalára no carvalho, abriu-se, surgindo o focinhito arteiro e engraçado da Rosa.

— Comadre Bonifácia, o que a traz aqui a estas horas, quando só costuma erguer-se com sol nado?

— Ai, rica comadrinha! Uma conversa terrivel que eu surpreendi ha pouco!

— Ha pouco? A comadre? — fez, incrédula, a Rosa.



— Sim, comadrinha... Não vê que eu agora sôfro de insónias...

— Ah! Isso sim!

E a comadre ia dizendo:

— Que surpreendi uma terrível conversa entre a sua amiga Rapôsa e o Urso...

— Sim?! E que diziam?

— A Rapôsa declarava que hoje, mal a comadrinha saísse, vinha aqui, e como o doutor Ruço lhe aconselhou lebres tenrinhas, por dieta, lhe comia as filhas...

— Crédo! — exclamou, horrorisada, a Lebre.

— E' o que lhe digo! E o melhor, será a comadrinha, á cautela, não saír de casa hoje...

— Ó comadre! Mas logo hoje que é a festa em casa dos Texugos!

— A comadrinha fará o que entender...

Eu avisei-a... fiz o meu dever... E, agora, se me dá licença...

A Lebre Rosa, acenou-lhe um adeus, e enquanto ela se afastava, ficou encostada á porta, a matutar...

Não acreditava muito no aviso de sua comadre Bonifácia, pois bem lhe conhecia o feitio mentiroso, mas... mesmo assim, já estava inquieta pois que se tratava das suas ricas filhinhas! Que azar! Seria verdade? Seria mentira?

E a pobre Lebre Rosa, sériamente inquieta, não sabia o que fazer à vida...

Estava ela nesta indecisão, quando viu surgir de entre o pinheiral próximo a figura respeitabilissima do dr. Ruço, o médico mais considerado do Reino da Bicharada.

Com uma idéa súbita a bailar-lhe na mente, chamou o dr. que logo acorreu pressuroso a atendê-la.

— Que quere a minha gentil cliente? Acaso alguma das suas meninas estará doente?

— Nada disso, dr.! — respondeu a Rosa — as minhas filhas gosam de perfeita saúde... Mas estou em cuidado por motivo da saúde duma das minhas grandes amigas!

(Como se vê, a Lebre merecia bem o epíteto de espertalhona).

— E quem é ela?

— É a Rapôsa! Até me disseram que o dr. lhe aconselhára dieta... e não sei mais quê...

— Eu?! Ó minha amiga! Mas enganaram-na... Agora mesmo venho de estar com ela, e ficou de perfeita saúde e ainda melhor disposições, pois logo é a festa em casa dos Texugos!

A Lebre Rosa, ao ouvir tais palavras, não se conteve e começara a rir com a maior vontade. Contou então ao dr. Ruço a pêta da Coelhinha Bonifácia

O dr. ouviu, ouviu, sem dizer palavra. Por fim, indignado contra a engenhosa calúnia, conversou, em voz baixa, durante algum tempo com a Lebre Rosa, que o ouvia atenta, acabando por bater as palmas, de contente.

— Boa idéa! boa idéa! doutor!

E separaram-se, rindo.

.....

— A Coelhinha Bonifácia, que, ao deixar a comadre, se encaminhara satisfeitissima, para casa, não pudera deixar de se envaidecer consigo próprio pela mentira pregada, visto que assim, já não podia ter dúvidas sobre o seu próximo triunfo no concurso de beleza em casa dos Texugos em que a Lebre Rosa era a sua mais terrivel rival...

Sentada à porta da toca, Bonifácia sonhava, quando viu aparecer a figura grave e sisuda do dr. Ruço...

— Olá, dr.! Por aqui? — saüdou, alegremente.

— Para te falar, filha, para te falar...

— E então o que me quer dizer o meu bom amigo?

— Avisar-te duma conversa que ouvi, querida pequena.

— Duma conversa?!

— Sim. Imagina que surpreendi a Rapôsa a conversar com o Lobo, e a dizer-lhe que iria assaltar a toca da Lebre, mal ela saísse para a festa...

A Coelhinha Bonifácia abriu a boquita num espanto profundo, e com desânimo, declarou:

— E eu que fui avisar a Lebre!...

— Então já sabias? — inquiriu o astuto doutor...

A Coelhinha baixou a cabeça, envergonhada da sua mentira, e, finalmente resolveu-se a declarar o que fizera.

O dr. Ruço ouviu-a, e, sacudindo as inteligentes orelhas, replicou:

— Não devias ter mentido, mas como o aviso vai ser útil, não te ralho... Também tu estás ameaçada...

— Eu?!

— Sim. O Lobo diz que vai ficar aqui á espreita, e mal tu saias para a festa — zás! — deita-te o dente!

Coelhinha Bonifácia, sentiu um arrepio, e transida de mêdo, agradeceu muito o aviso. Renunciando á festa e aos triunfos, fechou-se em casa, sem coragem sequer para espreitar...

No dia seguinte, ainda assustada, não saíu... mas ao terceiro dia, tranquilizando-se com o sossêgo que pairava nas imediações, atreveu-se a saír, e a procurar a Lebre Rosa...

Ao vê-la aparecer, a outra saüdou-a efusivamente:

— Então, comadrinha, como vai essa bizarria, que ninguém a viu aparecer na festa dos Texugos?

— O quê!? A comadre foi?

— Olarila! Por sinal, até ganhei o prémio de beleza...

Receosa, a mêdo, começando a perceber o lôgro em que caíra, Bonifácia inqueriu:

— O' comadre... e a Rapôsa?

— A Rapôsa tambem lá esteve, e fartou-se de dançar com o Lobo... Até se diz que vão casar...

— O Lôbo?! — gaguejou Bonifácia.

— É verdade, comadrinha, o Lôbo lá esteve muito afável para todos, tendo até recitado uma poesia que foi acompanhada a violino por um dos filhos do Texugo. Foi muito aplaudido...

— Essa agora!

— É como lhe digo. Ora deixe ver se me lembro dos versos... Eram mais ou menos assim:

Entre os homens lavra a guerra,
E cada vez mais feroz,
A metralha o Mundo aterra...
Mas as feras somos nós!

Chamam burro e até boçal
Ao nosso Ruço orelhudo!
São homens... é natural,
Pois são capazes de tudo!

Pois se o Lafontaine, um dia,
Dando-se ar's de verdadeiro,
Inventou a aleivosia
A indispôr-me c'o Cordeiro!

O que havemos de fazer
Ao homem, bicho feroz?
Só me resta agradecer
Num abraço a todos vós!

Não calcula, comadrinha, o Lôbo até parecia o Cordeiro!

— Mas não compreendo — murmurava a Bonifácia — se assim é, para que me ameaçou êle deitar-me o dente logo que eu saísse de casa?

— Essa nem parece sua, comadre, você que se tem na conta de espertalhona...

— Não compreendo... não compreendo...

Ante a cara apatetada da comadre, a Rosa desatou a rir, e, sem se poder conter, exclamou:

— O' comadre! Pois não percebeu que o dr. Ruço esteve a brincar consigo? Não entendeu que a sua mentira foi descoberta, e que nós lhe quizemos assim ensinar que com o "fogo não se brinca», "que mais depressa se apanha um mentiroso de que um côxo» emfim, comadre... fiz tudo para castigá-la da sua feia acção! — concluiu, profundamente, a Lebre Rosa, toda altiva na sua beleza.

A Coelhinha Bonifácia, baixou a cabeça... e duas lagrimitas de vergonha e arrependimento lhe rolaram pelos pelitos sedosos.

Via-se claramente que não tornaria a mentir nem a desejar o mal alheio. O grande exemplo do Lôbo era a mais perfeita revelação para a sua maldade. De futuro, passaria a ser digna das amizades que lhe tributavam.

Comovida, então, a Rozinha abraçou-a, e, fazendo as pazes, fê-la prometer que não voltaria a mentir...

Bonifácia prometeu e cumpriu.

Hoje, é uma coelhinha respeitada e querida, que conta aos filhos, como exemplo, a história daquela mentira em que, como quási sempre, se voltou o feitiço contra o feiticeiro...

Odette Passos de Saint-Maurice

O PODER DAS COISAS MÍNIMAS

HÁ quem não ligue importância a pequenas coisas, e quem assim pensa procede mal. Não simplesmente para com os outros, mas para consigo próprio.

Certos cuidados, certas pequenas atenções que alguém nos dispensa valem muito e somos ingratos, se não sabemos agradecê-los, ao menos com um bom pensamento.

Digam lá se a esmola dada por um pobre a outro pobre não tem mais valor, do que o óbulo saído duma carteira recheadinha de notas.

Não pode haver duas opiniões a tal respeito: a esmola que custa a dar, porque vai atrapalhar a vida económica de quem a dá, é sublime.

A outra tem seu merecimento, não digo nem penso o contrário, vem às vezes de uma criatura generosa que não tem culpa de ser rica nem de ter sorte e que seria decerto tão generosa, se pobre fôsse, mas no seu caso falta-lhe o resplendor do sacrifício.

Não devemos só agradecer os presentes caros, as festas suntuosas que nos oferecem os que muito podem dispender.

Só pequeninas lembranças dos ricos de alma e pobres de bens pesam mais no espírito de quem sabe compreendê-las, do que os metais preciosos.

■

Para nós, para a nossa própria vida, as pequenas coisas podem produzir grandes efeitos.

Há por êsse mundo e em vários centros de acção, muitos exemplos a comprová-lo.

Umas vezes, é um gesto que define um carácter, que faz a fortuna dum homem, como aconteceu a Laffite, o grande financeiro francês.

Os livros de leitura das escolas belgas, que procuram incutir no espírito das crianças princípios de ordem e de economia, contam o facto que é interessante.

É isto, resumido nas fases capitais:

Laffite apresentou-se num banco, a pedir trabalho nos escritórios.

O director desculpou-se com falta de vagas e deu-lhe uma esperança para de futuro, a título de consolação.

Laffite despediu-se e, quando atravessou o pátio de entrada, apanhou um alfinete do chão e pregou-o na lapela do casaco.

O director do banco viu êsse gesto da janela e teve a impressão de que estava em frente dum individuo ordenado e económico.

No dia seguinte mandou-o chamar, deu-lhe um bom lugar, e rápidamente, de ascensão em ascensão, Laffite chegou a ser o dono do banco, que ainda hoje tem o seu nome, e ocupou os mais altos cargos na política francesa.

Um alfinete! Que insignificância, dirão.

Pois sim. Mas hão-de concordar que vale a pena, mesmo hipòcritamente, fazer de poupado.

Laffite foi-o sinceramente, e não cuidem que a sua economia chegou a ser avareza.

Se poupava e dava importância a um alfinete, tinha sempre a carteira aberta para socorrer os desgraçados.

É uma tolice pensar que ser económico é não ter coração.

Uma coisa não destrói a outra, e o "Ceci tuera celã" dos franceses, nesta ocorrência faz bancarrota.

■

Outras vezes, um simples acessório de toilette chama as atenções do público, e leva alguém aos píncaros da fama.

Que seria do Chevalier, sem o seu chapéu de palha?

Êle podia ter talento às carradas que ninguém dava por isso, só viam o "palhinhas" posto de banda, com um ar garoto.

E foi o chapéu que o levou à América do Norte e o impôs ao mundo.

Não já apenas por êsse símbolo da graça e do espírito gaulês, mas porque êle conseguiu mostrar que debaixo daquele chapéu de palha havia uma inteligência interpretativa, que só esperava ocasião para revelar-se e libertar-se da grilheta dum capricho de indumentária.

E hoje Chevalier já não é só o cançonetista que todos teimavam em ver no *Tenente sedutor*, mas um grande actor também.

E o supremo artista que é Chaplin, o que foi que o apresentou à turba que hoje o admira e adora? Umas botas cambadas e um junco pelintra.

Se não fôssem estas coisas ridículas, tinha-se confundido com o resto dos cómicos.

Essas botas e essa bengalinha foram atravessando campos e salas, entre gargalhadas, até que o génio do artista conseguiu vencer o ridículo, fazendo compreender a tragédia daquele pobre diabo a quem tudo falha, mas que nunca esmorece.

E agora o *Charlot* ainda faz rir, mas também faz chorar.

E' vê-lo nas *Luzes da Cidade*, em que todo o seu ridículo se eleva tão alto, tão alto, que chega a atingir as regiões do sublime. E os alicerces dessa grandiosidade assentam sôbre coisas mínimas.

E essa Jean Harlow, a "vamp" famosa que os "fans" sorvem gulosamente com os olhos, teria a fama que tem, se não fôssem os seus cabelos platinados? Isso tinha ela!

E, entre nós, a Beatriz, "essa traidora da franja", como canta o Vasco na *Canção de Lisboa*, seria hoje uma vedeta, se não tivesse a luminosa ideia daquele corte de cabelo, geométrico, que chamou sôbre ela as atenções, podendo assim demonstrar quanto valia?

Desenganem-se e não façam pouco... do pouco.

Um nada deita abaixo um império e levanta outro.

Ora aí está o poder das coisas mínimas...

Mercedes Blasco.

A "AVENTURA MARAVILHOSA"

ÚLTIMO ROMANCE DE AQUILINO RIBEIRO

Aquilino Ribeiro

A *Aventura maravilhosa de D. Sebastião, Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim*, é na galeria de Aquilino, um romance que surpreende pela sua serena construção técnica e pelos arrojados vôos da ficção. Começa o volume pelo final da batalha de Alcácer-Kibir, quando a derrota já era um facto e, ao Desejado, não restava senão o caminho da fuga. O romancista desdenha, porém, do sebastianismo, enamorado pela ficção desordenada e imaginosa. Assim, vemos o rei cavaleiro abandonar o mosteirinho do Cabo de São Vicente, aonde se fôra refugiar em anonimato, após o desaire, e ir, acompanhado pela protecção severa e mordente de Frei Salvador da Tôrre, de longada pelo Mediterrâneo a caminho da Palestina, viagem que lhes foi frustrada por um ataque de navios piratas, de Argel, que os aprisionaram, para essa cidade os levaram e reduziram a escravos. É a parte mais bela do romance, essa que se passa no ambiente ganancioso e cruel de Argel, cidade em que D. Sebastião, escondido na personalidade do escravo Desidério Augusto, se amofina de remorsos e sofre estoicamente as mais duras provações, afim de, perante Deus, resgatar pelo cativeiro as suas culpas de rei precipitado e orgulhoso. A sobrinha do seu senhor, Lela Bianca, veneziana e bonita, apaixonou-se pelo escravo rial que tinha mãos patrícias e maneiras distintas e nobres: e, interessada em dar-lhe fuga, bem como a seu companheiro Frei Salvador da Tôrre, logo que lhes soube as verdadeiras identidades, quási jogou ao mar a sua liberdade e o seu futuro, aprestando um bergantim para a evasão. Frustrada esta, e após peripécias admiravelmente descritas pela suprema arte do prosador, o pobre rei falhado e o seu companheiro viram-se transformados em galerianos, remando, de sol a sol, sob as ameaças e as chicotadas do comitre, até que, por mercê da Providência, a sua nau naufraga, morrendo todos os tripulantes à excepção dos dois portugueses que se salvaram, arribando por milagre às costas do Monte Atos, onde caloiros e giróvagos, religiosos gregos, os recolheram e trataram.

Voltam, porém, as aventuras com a chegada de duas galés argelinas, com um embaixador de Morato Arrais, o senhor dos dois escravos foragidos, de propósito enviados para requisitar, do mosteiro principal, os dois fugitivos, de cujos sinais se deu notícia precisa. Sob a protecção dos frades, ambos resolvem partir, fugindo à deprecada, — e, de novo, recomeçaram as lutas esforçadas, as aventuras maravilhosas, os prélios heróicos, as viagens inesperadas e, também, o cativeiro, as galés, e as chicotadas dos comitres. Até que o romance finda com o seu melhor capítulo. El-rei D. Sebastião, quási calvo, desgostoso e velho pelas provações e já humilde, vai ao Escorial, a Espanha, pedir a Filipe II a restituïção da coroa de Portugal, já quando o Demónio do Meio Dia, meio podre, exalando miasmas de fedor insuportável, se avizinhava da morte. D. Sebastião perdera, havia pouco, em luta inglória com sentinelas do palácio o seu companheiro e segundo pai, o valente Frei Salvador da Tôrre: mas, nem por isso, as suas palavras a El-rei seu tio foram agastadas, azedas ou agressivas: antes calmas, humildes e raras. Promete-lhe Filipe II que sim, que lhe restituïria o trono de Portugal, bordando largas e pejorativas considerações sôbre a fisionomia moral e social dos portugueses; mas, ao cabo, quando D. Sebastião se retira, entre desconfiado e melancólico, o Demónio do Meio Dia contrata sinistramente com Cristóvão de Moura, seu valido, o ponto final das aventuras do real cavaleiro andante.

Embora possa acusar-se Aquilino de, até à data, jamais se ter interessado pelo gráfico do homem contemporâneo, desdenhando das suas particularidades místicas ou meramente psicológicas, é de justiça reconhecer-se-lhe o dom glorioso pelo qual o romancista nos desenha as personagens, no-las apresenta *em acção*, e as encaminha pelo argumento afora sempre conformes consigo próprias e com os ambientes. É essa, de facto, uma virtude de romancista, sem a qual o Malhadinhas não teria sido possível e, neste romance, essas figuras admiràvelmente bem trabalhadas que são kaipakas e Morato Arrais, a que, todavia, o autor deu categoria secundária.

A ficção é arbitrária, como arbitrária é a própria interpretação do Rei e, também, a descrição de Argel e seus costumes da época. Não é, contudo, por isso, que merece censuras o romancista. Já oportunamente frizei que a funcção do romancista não é a de reconstituir cenas reais ou históricas: é, antes, a de romancear circunstâncias humanas, morais ou psicológicas, certas, compreensivas, inteligentes e inéditas. Neste sentido, a *Aventura Maravilhosa* é um êxito seguro e inconfundível na obra do romancista. ¿Que importa que o velho tema nacional do sebastianismo apareça desdenhado se é D. Sebastião, e não o sebastianismo, o protagonista? O romance deve ler-se desinteressadamente como se êle e as suas personagens fôssem alheias, não ao *drama*, mas à História. O que sobressai, nêle, são as circunstâncias humanas documentadas no Desejado, sempre histérico e repeso do seu êrro (?), em Lela Bianca, frágil magnólia veneziana cujo perfume não conseguiu inebriar El-Rei, em Morato Arrais, pirata e político argelino, senhor esquadras e de numerosos escravos. Essas circunstâncias aparecem, na *Aventura maravilhosa*, estudadas e sublinhadas carinhosamente pelo romancista, o que pode fornecer diferentes razões para poder aquilatar-se dos seus novos rumos. Não vale a pena, por isso, referir a arbitrariedade da compreensão de Alcácer-Kibir e do sonho imperial de D. Sebastião, nem tampouco espiolhar, uma por uma, as frazes despiciendas para Portugal, através das quais pode ler-se deliberado intuito, quási demagógico, de reacção europeia e de civilisado. O que nos compete é considerar no estilo do romance que veio rehabilitar os velhos figurinos imaginosos e no primor verbal, em cada novo volume mais acentuado e surpreendente, das descrições admiráveis.

Lagos, 18-12-936.

Manuel Anselmo.

O guarda-redes do «Austria», sob a ameaça constante dos avançados do «Benfica» teve em Espírito Santo, novo centro de linha atacante o mais perigoso adversário

A QUINZENA DESPORTIVA

A exibição em Portugal dos grupos estrangeiros de foot-ball constituiu o acontecimento marcante da quinzena de passagem de ano.

O Ferencvaros e o Austria, "leaders» do campeonato nacional húngaro e austríaco, mostraram aos públicos de Lisboa e Pôrto a grande classe do seu jôgo, dominando em técnica individual e de conjunto o valor dos grupos nacionais com quem lutaram. Isto não bastou, porém, para lhes assegurar a vitória nos encontros que disputaram, e o Sporting contra uns, o Benfica contra outros, conseguiram resultados altamente honrosos para o foot-ball português, arrancados pela virtude da energia, da vontade e do entusiasmo que superaram a perfeição e os conhecimentos dos adversários.

Houve, no entanto, um absoluto contraste entre os comportamentos dos dois grupos visitantes; ao passo que os austríacos, vencedores ou em situação embaraçosa, mantinham o porte de verdadeiros desportistas e mereciam todas as simpatias do público, os húngaros deram largas ao despeito perante a ineficácia dos seus ataques no jôgo em que o Sporting os derrotou, cometendo a série completa de atropelos e violências, evidenciando uma falta de educação e espírito desportivo que os torna indesejáveis como hóspedes de gente de bem.

Ninguém pode contestar aos jogadores do Ferencvaros técnica de execução e arquitectura de jôgo muito superiores às dos nossos melhores agrupamentos; sob tal ponto de vista é justo reconhecer que nos proporcionaram agradáveis momentos de espectáculo. Sempre que se exibam em condições vitoriosas merecerão inteiros louvores da crítica.

Infelizmente não sabem perder, nem toleram sequer a resistência adversária.

Vencedores do Belenenses por 2-0, com a sorte a favor no período final quando a fadiga da viagem recente se fez sentir e permitiu a subida do valor ofensivo dos portugueses, os húngaros portaram-se correctamente. Mas, no encontro seguinte, ante a inviolabilidade da defeza sportinguista exteriorizaram atitudes intoleráveis.

A primeira metade do jôgo contra os campeões de Portugal decorreu sem incidentes porque a superioridade dos estrangeiros foi evidente e se ao chegar o intervalo a marcação acusasse uma diferença a seu favor de três bolas a uma, condizia com o desiquilíbrio das operações.

Aconteceu, porém, que o guarda-redes Azevedo se desempenhou gloriosamente da sua missão e mercê duma exibição brilhantíssima parou todos os remates, afastou todos os perigos; e como o guarda-redes também conta nos valores activos dum guritorial húngaro tem que aceitar-se como desportivamente bom e o empate verificado como exacto visto que os jogos de foot-ball se não decidem aos pontos como os combates a sôco.

O segundo tempo da partida foi do mais feio que temos presenciado. O trio central do ataque húngaro, furioso — é o termo mais próprio — pela eficacia anulante da defeza contrária enveredou pelo caminho dos excessos e cometeu os piores actos que podem ter lugar num terreno de desporto. Registemos apenas, sem relatar nem comentar gestos que a imprensa diária e da especialidade apreciou largamente.

Queremos apenas extranhar o critério de visão do cronista de certo órgão da tarde que lançou sôbre os portugueses a responsabilidade e a autoria de quantos actos maus fôram praticados pelos húngaros. Talvez o autor sofra de inversão visual.

O outro grande encontro da quinzena foi aquele que o Benfica disputou ao grupo do Austria; o empate final mais valoriza reconhecendo-se que é lisonjeiro para os visitantes e insuficiente para compensar a acção animada dos nossos representantes. A equipa "vermelha» teve a sua melhor exibição da época, fazendo reviver tardes gloriosas em que a alma clubista vibrou de entusiasmo desportivo.

Da visita dos grupos estrangeiros pode ainda, por via de comparação directa, depreender-se a descida actual de classe do foot-ball nortenho em relação aos melhores agrupamentos da capital.

O F. C. Pôrto, que em casa obtinha em regra os melhores resultados, sendo quási invencivel, foi batido primeiro pelo Austria nas piores condições para este, e sofreu depois um pesado desaire em frente ao Ferencvaros.

Esperemos, para concluir, as indicações do Campeonato das Ligas, iniciado no domingo passado e que ocupará durante três mezes a actividade do football nacional.

■

A época do atletismo de inverno inaugurou-se de forma pouco animadora: escassez de concorrência, animação nula, má visão organizadora.

A nova gerência da Associação Regional não entrou com o pé direito; os comunicados do calendário, foram enviados aos clubes, tardíssimo, sem justificação plausível e a incompetência técnica dos colaboradores escolhidos evidenciou-se à primeira intervenção.

Tôda a gente sabe que o interêsse das provas corridas em campo livre reside principalmente no número de concorrentes alinhados. Nos países onde o atletismo existe de facto, reunem-se às centenas os participantes.

Em Portugal, porém, quando se juntam dezenas é um caso excepcional; em tais circunstâncias, que certamente conheciam, o que esperavam os dirigentes lisboetas dum "cross» de abertura às prestações, separando em percursos independentes os corredores das quatro categorias regulamentares? Um fracasso foi o castigo da sua ausência de senso prático, e só teriam recebido o merecido que ninguém lamentaria, se o infeliz e inocente atletismo não sofresse simultâneamente desprestígio e, junto do público, propaganda às avessas.

Quando se conseguirá, no país, o desenvolvimento da consciência do valor próprio, por forma a cada indivíduo aceitar apenas o desempenho de funções para as quais possui competência? Talvez quando esteja destruída tôda a obra que tanto custou a edificar e de que aproveitam os campeões da oportunidade, sempre presentes quando se trate de colher os frutos do trabalho alheio.

■

O problema económico é sempre o mais embaraçoso encargo das entidades dirigentes desportivas. Se exceptuarmos a Federação de Foot-ball, que é rica, os restantes organismos congéneres lutam com a ausência de recursos financeiros que lhes impede a mínima iniciativa e obriga a vida do desporto nacional a permanecer no marasmo que todos criticam e ninguém soluciona.

Há um país na Europa onde tôdas as federações são abastadas, quer o desporto que dirigem seja remunerador ou não, e sem o menor encargo para o Estado. Trata-se da Suécia, e o curioso processo que permitiu semelhante resultado foi a simples regulamentação dos concursos de prognósticos que adquiriram entre o público um favoritismo extraordinário.

O Estado concedeu, em Outubro de 1934, o monopólio dêstes concursos à Sociedade Anónima Tipstjanst, cujo capital foi fixado em 225 contos, dividido em cem obrigações com o dividendo fixado em 5 %.

O govêrno assumiu a fiscalização absoluta do organismo, cabendo-lhe nomear o presidente, vice-presidente e um dos substitutos do Conselho de Administração.

O funcionamento geral da Sociedade é o seguinte: metade das cotizações recebidas é destinada aos prémios para os vencedores dos concursos, um quarto é absorvido pelas cotizações ao Estado, e o quarto restante é também entregue ao Estado mas para favorecer a prática dos desportos pela forma que julgar mais conveniente.

Desde a data da sua fundação, há menos de três anos como dissemos, a Tipstjanst rendeu para as entidades dirigentes do desporto a bagatela de 47.890 contos, entregues pelo Estado à Confederação e que esta distribuiu como entendeu.

Azevedo, guarda-redes do «Sporting», foi o elemento mais destacado do seu grupo no jôgo contra os húngaros. Ei-lo repelindo a bola, sob a ameaça dum adversário

A Escola de Educação Física do Reichsportfeld, em Berlim, está já funcionando e as alunas ensaiam alegremente as suas danças nos prados que cercam o edifício

A nadadora holandesa Mastenbroek, três vezes vencedora nos jogos de Berlim, aproveitou o dia do aniversário da sua treinadora para lhe oferecer um «record» do mundo, o dos 400 metros de costas, que melhorou de 15 segundos

A verba demonstra bem o interêsse do público pelos concursos de prognósticos; a Sociedade recebe, em média, um milhão de respostas por semana, cada uma delas acompanhada pela cotização, de cinco escudos, aproximadamente (1 corôa sueca).

Os concursos funcionam desde Agosto até meados de Junho, visando os prognósticos apenas os resultados dos encontros de "football»; de Agosto a Outubro sôbre os jogos do campeonato da Suécia e no período seguinte sôbre os campeonatos e a Taça de Inglaterra.

O apostante que até hoje recebeu maior prémio, embolsou a bonita soma de 470 contos, mas uma determinação posterior fixou em 375.000 escudos o máximo de lucro por concorrente.

No exercício do ano findo, o govêrno entregou à Confederação Sueca a quantia de 12.805 contos pela percentagem correspondente nas receitas da Tipstjanst, sendo dessa verba destinados 6.500 contos à construção de diversos estádios municipais.

O saldo foi distribuido pelas 21 federações filiadas, cabendo a maior parte ao "football», 212.500 escudos, ao atletismo, 200.000 escudos e à gimnástica, 125.000 escudos.

Salazar Carreira.

JARRAS E FLORES

COMO DECORAR A NOSSA CASA

A decoração da casa é do maior interêsse para todos, mas sobretudo a mulher tem por ela o maior cuidado. Uma casa decorada com gôsto e elegância revela o que é o espírito da mulher que a dirige. A vida é feita de pequenas coisas, que tem a maior importância.

Mas se à mulher incumbe o dever de ornamentar e embelezar a casa, é, também pela sua felicidade que vela, pois que o homem tem hoje em dia o culto do confôrto e da elegância e mais do que nunca aprecia, e, dá o valor a uma casa, ornada com gôsto e elegância.

A simplicidade que hoje preside na escolha de móveis e na disposição dêstes, não exclue, antes implica um maior cuidado em os valorisar.

Os poucos *bibelots* que hoje guarnecem as casas, obrigam a que êstes sejam do mais escolhido gôsto e em perfeita harmonia com o conjunto. Houve uma época em que as casas eram verdadeiros *bric-à-brac* onde se não podia fazer um movimento sem tropeçar numa mesa coberta de frágeis Saxes, ou de custosas faianças da China, em perigo eminente de destruïção, pelo amontoamento que a moda exigia.

Claro está que entre muitas preciosidades havia muita coisa inútil e até feia, que prejudicava o conjunto. Em seguida veio a época do nudismo nos móveis. Nada sôbre êles. As casas tinham o desolado aspecto de armazens de mobiliário, para o que não pouco contribuia a rigidez, com que estavam colocados os móveis.

Hoje já não é assim, as casas tem na sua simples disposição e apesar das linhas direitas dos seus móveis, um ar acolhedor e atraente, que as torna confortáveis o mais possível, e, que lhes dá êsse aspecto de lar onde uma família vive, se agita, respira e ama.

E' êsse aspecto o que torna viva a casa, o que a anima e nada há mais desconsolador do que uma casa com um todo sepulcral de desabitada.

Mas para a ornamentação das casas para a sua beleza e graça nada contribue mais do que as flores, as plantas, que põem no ambiente a mancha viva das suas mimosas côres, o vivificante das suas folhas envernizadas, ou o aroma delicado que torna deliciosa a atmosfera dum salão.

Mas para que as flores sobressaiam e encham de beleza a casa, é necessário que elas se harmonizem com o vaso que as contém, que êle as valorise tornando-as mais frescas e mais belas e que elas o envolvam na sua graça fazendo sobressaír a sua beleza ou a sua arte.

Flores lindas numa feia jarra fazem lembrar uma linda mulher coberta de andrajos, ou pior ainda com um feio vestido de muito mau gôsto. Uma linda jarra pode ainda valorisar flores simples e de campo, como uma bonita *toilette* consegue fazer brilhar uma mulher insignificante ou mesmo feia.

É na escolha das jarras, na disposição das flores, que se nota o gôsto das donas da casa e é nela que brilha a arte da dona da casa e sua elegância.

A escolha de jarras é a que maior importância tem, as flores murcham e substituem-se, e, as jarras ficam e são sempre as mesmas, por isso elas exigem um grande cuidado na escolha e uma harmonia absoluta com o mobiliário para não destacar no conjunto.

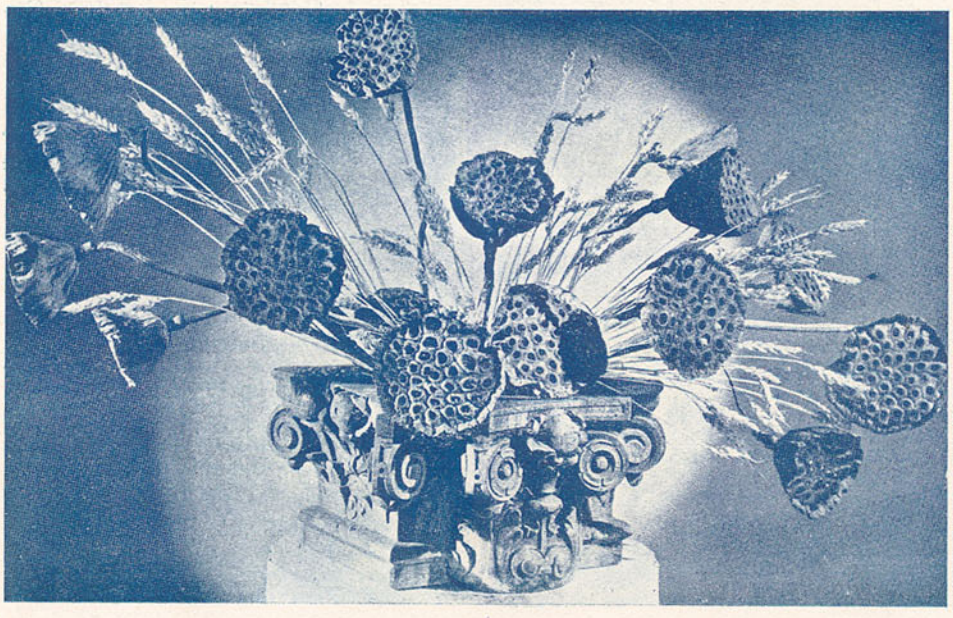
Há casas que estão bem mobiladas, mas que não tem as jarras adequadas. E' êste um defeito que se pode remediar, mas não se deve fazer com pressa, pois necessita de muito estudo e cuidado.

Deve-se escolher a jarra para as flores e as flores para a jarra. E' êste o conselho que o bom gôsto dá e que a arte exige.

Porque florir com gôsto e elegância uma casa, é uma arte delicada e subtil que é difícil de atingir. Com folhas simplesmente, com umas simples flores consegue-se muitas vezes um artístico conjunto, que a harmonia em côres e aspecto torna verdadeiramente deliciosa.

E se não houver essa preocupação da harmonia e do conjunto, as mais formosas orquídeas, perderão todo o seu valor e interesse.

A moda lançou os vasos para flores em madeira esculpida, os artistas tem feito com êles, verdadeiras maravilhas. Os vasos de madeira tem a grande vantagem de não deixar ver os pés das flores nem sempre belos e a água, que em geral quando se mistura flores turva e fica feia. Os vasos ou jarras de cristal são lindos na sua transparência, mas muitas vezes perdem por causa dela.



Numa livraria ficam lindamente os vasos de madeira, a sua côr escura harmoniza-se com a seriedade do local.

Estes vasos de madeira tem a especialidade de ficarem mais belos com simples flores ou mesms fôlhas, o que os torna preciosos para o inverno. Um vaso de madeira esculpida que representa um anjo com as azas abertas, vemos admiravelmente dispostas fôlhas de eucalipto, que harmonisam a sua côr neutra, com os tons quentes da madeira esculpida.

Noutro vaso de madeira trabalhada sementes de flor de lotus e espigas de trigo, tornam o mais delicioso aspecto decorativo.

Num artístico vaso de jaspe branco as côres vivas dos crisântemos, casam-se com os delicados verdes. E aqui temos uma perfeita decoração para uma alegre sala onde se está sempre.

Mas as flores, os verdes tem de estar com harmonia, com os estofos, com as côres predominantes na quadra que se quer enfeitar e valorizar, com a guarnição de flores. Tudo nesta vida moderna, dum tão grande requinte, onde a arte que impera é uma subtil e delicada arte, que invade e se infiltra nas mais pequenas coisas da vida, que faz com que um nada, tome um aspecto importante e seja na vida um motivo de beleza e de alegria, requer atenção e cuidado.

Mais do que nunca, hoje a mulher tem na vida um importantíssimo papel dentro do lar e na vida familiar. Ela é por assim dizer a representante da arte, no seio da família.

Do seu gôsto, da sua inteligência depende a disposição de tudo aquilo que contribue para que a casa seja valorizada e o ambiente familiar se torne requintado e agradável.

E' preciso que a mulher se lembre sempre que sôbre os seus ombros pesa a responsabilidade da casa e que para o homem as dificuldades não devem existir. e, êle deve apenas sentir o confôrto e a elegância que o rodeiam.

Para a felicidade do lar tudo contribui desde as grandes coisas às pequeninas, por isso não desprezemos as jarras e as flores, elementos de beleza, graça e elegância.

Maria de Eça.

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

General von Seecket — O exército alemão acaba de perder uma das suas mais prestigiosas figuras. Durante a Grande Guerra, von Seeckt desempenhou as funções de chefe do Estado Maior. Há tempos, a convite do Govêrno chinês, partiu para Nanquim, onde exerceu o cargo de conselheiro militar.

Gertrudes Scholtz-Klink — Esta senhora acaba de ser eleita membro da Academia de Direito Alemão, homenagem que ainda mulher alguma havia tido. O seu campo de acção será, em primeiro lugar, o de assistência social. Exerce as funções de presidente da Associação das Mulheres Alemãs.

Miguel Unamuno — O grande catedrático espanhol de que Salamanca tanto se orgulhava, faleceu. Grande deveria ser a sua mágua ao aperceber-se da morte, sem ter visto a sua querida pátria redimida. Ficará, a sua memória não só adentro das fronteiras, mas em todo o Mundo.

A campanha anti-comunista em França — A França começa a precaver-se contra as arremetidas do comunismo. Na sessão de encerramento do 1.º Congresso do Partido Social francês, o coronel de la Roque proferiu um vibrante discurso pedindo a anulação pura e simples do Pacto Franco-Soviético. A gravura acima representa o intemerato caudilho falando ao microfónio, numa atitude serena, mas incisiva. La Roque vê o perigo que ameaça a França, e procura afastá-lo com todo o ardor do seu patriotismo

O material de incêndios em Berlim — Tendo-se manifestado incêndio na estação da Carris de Ferro de Berlim, prowou-se a eficácia dos serviços de bombeiros. A nossa gravura mostra o imponente espectáculo do fogo. Ao fundo, aparece o arranha-ceus Columbus. No primeiro plano vê-se o carro dos bombeiros, actuando com tal êxito que, em poucos minutos, conseguiu dominar as chamas. No local do sinistro compareceram imediatamente, o presidente do conselho de ministros, general Goering e o ministro do Reich, dr. Goebbels

O casamento duma estrêla — A famosa Olga Tschecowa casou-se com o comerciante belga Marcel Robyns que possui uma avultadíssima fortuna. A nossa gravura apresenta os noivos à saída do registo civil de Charlotenburgo.

O Natal na Alemanha — O general Goering, actual presidente do conselho de ministros da Alemanha, oferece com sua espôsa, brinquedos a 500 crianças pobres. A mesma gravura apresenta o estadista, auxiliado pelo Pai Natal, procedendo à simpática distribuïção de alegrias pelos pequeninos que aguardam ansiosamente esta data do ano para sua completa veutura. E com pouco se contentam os pobresinhos! Nem só na Alemanha mas em todo o Mundo as crianças foram sempre assim. Se ha homens que lhes seguem o exemplo.

A campanha alemã contra o desperdício — Na Alemanha foi aberta uma campanha contra o despedício de víveres, chegando a serem aproveitados todos os restos de hortaliças, etc. Nos pátios das casas fôram instalados recipientes em que são lançados desperdícios de cosinha para alimentação dos porcos. De ninharias se fazem as grandes ecónomias que conduzem ao mais perfeito bem estar.

Nós estamos numa época de desencontradas opiniões, de desorganisação completa, e, de surprezas contínuas.

E não é só na vida política dos países, na vida material de todos os dias dos cidadãos, é também na vida moral e sentimental da humanidade, que êsse desencontro de opiniões e de maneira de sentir, se reflecte

E' evidente que em época nenhuma todos sentiram da mesma maneira. Desde a antiguidade, que as guerras civis ensanguentaram os países, divididos em opiniões contrárias.

Na vida material, houve sempre diferenças e diferenças bem sensíveis, porque o que faz o bem estar de uns, é insuportável a outros.

Na vida sentimental houve também e mais ainda, que em nenhuma outra, maneiras de ser e de proceder absolutamente diferentes, porque cada alma é um mundo, e cada coração sente de fórma a não poder ser egualado por outro.

Mas o que houve nos séculos que nos antecederam foi uma certa direcção que dava homogeneidade ao procedimento das criaturas humanas, que numa determinada época viviam.

Houve a época dos trovadores e dos romances de cavalaria, em que todos os sentimentos se mediam, pelo exemplo de certos cavaleiros, que feriam a imaginação dos seus contemporâneos e que davam a direcção à maneira de sentir colectiva.

Houve o romantismo em que todos viviam do amor e para o amor, ainda a maior parte das vezes só aparente, mas escondendo o egoismo tão inerente à condição humana, com a capa do sacrifício e do amor para toda a vida, embora essa vida não fôsse muitas vezes mais do que uns meses ou uns dias.

Hoje não há direcção não há sentimentos colectivos. Nós vemos que na vida política difícil é manter a disciplina porque todos querem impor a sua maneira de ser e os partidos dividem-se em pequenas fracções que não têm fôrça e só nos países onde há homens de reconhecido valor e govêrnos de fôrça se nota a coesão e a unidade.

Na vida material cada um vucha para seu lado e se uns vêem a vida com deveres e obrigações, e, se compenetram, que não vieram a êste mundo só para se divertir, outros há que nada tomam a sério e que vivem uma desorganisada vida, que parecendo não ter influência na vida da humanidade, é perniciosa pelo mau exemplo que representa e que é sempre para temer.

Mas onde se nota a verdadeira convulsão é na vida sentimental. Enquanto por tôda a parte avança a onda de inconsciência e materialismo, ha almas de sacrifício que se elevam num holocausto de si próprias, pelo bem humano.

A par dum egoismo e dum desafogo completo pelos delicados sentimentos da afeição e do amor, temos exemplos duma completa dominação da alma pelos sentimentos afectivos.

Numa época de desmedidas ambições de desejo de mando a todo o custo, nós vemos um rei abandonar o seu trono pelo amor duma mulher. Trocar sem pena o mando dum dos maiores impérios do mundo, pelos olhos lindos duma mulher amada.

E' bom, é mau fazer predominar na vida os sentimentos embora nem sempre razoáveis. ?

São coisas que se não podem discutir e muito menos o póde fazer quem se limita a observá-las.

A vida é hoje uma algema de sentimentos contrários, de factos contraditórios. E mais do que nunca ela é difícil para a mulher.

A mulher, nesta agitada época que atravessamos, tem mais do que nunca de se apoiar ao bom senso, que quando aliado à inteligência é uma das melhores armas para orientar a vida, e, nunca a mulher precisou tanto de se orientar.

A par de muitos direitos adquiridos a mulher tem muitos deveres a cumprir, e, grandes responsabilidades pesam sôbre os seus frágeis ombros, que uma vontade firme, pode tornar muito fortes.

A mulher inconsciente e boneca tem de desaparecer, mas não para dar lugar à mulher, que leva a chave de casa para se ir divertir, enquanto o marido descansa do trabalho exgotante, da sua vida de angariador do bem estar da família.

A mulher frívola tem de desaparecer, para dar lugar à mulher consciente e cumpridora dos seus deveres, não para a que malbarata a liberdade adquirida, mas sim para aquela que sabe tornar a vida feliz aos que a rodeiam e que pela sua suave mas firme direcção orienta a família no caminho do dever e do bem e será ela quem poderá melhor do que ninguém transformar a desorientação actual.

Maria de Eça

A moda

De ano para ano, de mês para mês, quási que de dia para dia, a moda muda de aspecto. Original umas vezes, inspirada na antiguidade outras, levando-nos a épocas ainda próximas, de vez em quando, a moda passeia-nos através da história do mundo, com uma sem-cerimónia, que nada iguala.

O que ontem era ridículo, é hoje encantador e será amanhã detestável. A moda como o espírito feminino, que por ela se interessa, é variável como o tempo.

Nunca dura mais duma estação e nunca é apreciada por muito tempo. Já lá vai o tempo em que um vestido durava seis anos sem arranjo.

Mas tem de ser assim para cativar o espírito irrequieto da mulher moderna que vive em contínua efervescência. Há pouco tempo os vestidos de noite só tinham saia, podemos sem exagêro dizê-lo. Hoje usam-se pouco decotados e não se vê uma «toilette» chique sem o seu casaco ou «smoking», que o completa com mais ou menos gôsto e elegância.

Damos hoje um lindo modêlo de vestido de noite ou de jantar. O vestido em seda preta «cloquée» é da maior simplicidade no seu elegante corte. Sôbre êsse vestido tão simples e gracioso, um casaco em «cloquée» branco ou para as friorentas em «matelassé» também da maior simplicidade, mas dum gôsto encantador. E' uma «toilette» distinta e que tem a vantagem de poder ser usada mesmo pelas senhoras que não são já muito novas e a quem certas modas não vão bem e que têm no entanto o direito á elegância.

Como abafo para a noite damos o lindo modêlo de capa em raposa «argentée» usado por Jean Parker a elegante estrêla da Metro Goldwyn Mayer, que usada sôbre um lindo vestido de veludo preto e com o modêlo tão elegante de penteado, extremamente moderno, que a torna gentilíssima é esta artista um modêlo da última moda.

Mas não é só á noite que se vive e temos as saídas simples de todos os dias, com todo o tempo e é nesses que devemos conservar a nossa linha de elegância. Para um dia de chuva, o gracioso modêlo de impermeável em seda «gaufrée» com boina igual num tom de vermelho cereja, que alegra com a sua côr forte, a tristeza dum dia sombrio.

Kathleen Burke a graciosa artista que o exibe dá-lhe tôda a graça da sua beleza de loura duma inegualável frescura.

Para o «golf» uma bonita «toilette» de Irene Hervey, outra estrela do estrelado céu da Metro Goldwyn Mayer. Saia em «tweed» castanho e «beije», «chandaille» em lã «beije» como abafo um amplo casaco em quadrados castanho e «beije».

Sapatos e luvas em camurça castanho e pequeno chapeu em feltro da mesma côr completam o conjunto e fazem realçar a simpática expressão da conhecida artista.

Para abafo de noite continuam a usar-se os casacos curtos em pele. Um lindo modêlo em arminho branco dá a qualquer mulher um gracioso aspecto.

As pulseiras e os anéis estão de novo em voga como guarnição, mas tem de haver a maior discreção, na maneira de as usar. Quando se amontoam umas sôbre outras nem se admira a sua beleza nem se demonstra ter muito gôsto.

Damos hoje na fotografia de duas linda mãos, a maneira de as mostrar em tôda a sua beleza e elegância.

No braço esquerdo apenas um esplêndido relógio de pulso e na mão, nada que a guarneça. No braço direito uma linda pulseira em pérolas tendo como fecho um «cabochon» em safira, no

PÁGINAS FEMININAS

dedo anelar um anel com «cabochon» da mesma pedra preciosa.

O perfume da mulher elegante

Toda a mulher cuidadosa da sua elegância, tem o seu perfume habitual que nunca substitue. E' do peor gôsto usar hoje um perfume, amanhã outro. O perfume deve ser como uma emanação natural da mulher, deve ser pessoal e nada como o perfume a pode tornar presente ao homem que ama, quando está ausente.

Para evocar alguém ou alguma cena da nossa vida nada há como um perfume ou a música.

O perfume deve estar em harmonia com o físico da mulher que o usa. Uma loira não deve usar perfumes violentos, que se adaptam maravilhosamente a uma morena.

As mulheres loiras e de aspecto delicado devem usar de preferência os perfumes delicados como a rosa branca, o jasmim, a violeta. As loiras fortes e exuberantes têm já nos perfumes de «Coty» ou «worth» o que lhes convém. «Paris», «Nuit d'amour», «Vers le jour». As morenas devem usar «Chypre», «Origan», «Rue Royale», «E'meraude» e, depois da escolha feita, misturar uma água de Colónia que lhe dê a nota pessoal e não variar.

Coisas úteis

Açúcar escuro não deve faltar em cozinha nenhuma. Quando a carne é dura e ameaça tornar-se difícil de mastigar, depois de cozinhada, deita-se-lhe uma colherinha de açúcar escuro, e, basta uma pequena colher para tornar tenra uma libra de carne dura.

Antes de usar uma escôva de dentes nova deve meter-se em água quente com sal. Fica lavada, e dura muito mais tempo.

Para cortar vidro, não tendo diamante, embebe-se em álcool uma guita, retorce-se e ata-se ao vidro no lugar em que se quere cortar. Chega-se-lhe fogo, e apagado êle, antes que o vidro arrefeça, mergulha-se todo em água, seguro na mão esquerda bem apoiada, não vão as tremuras transtornar o caso. Com a mão direita dá-se uma pancadinha sêca no vidro. E fica partido com tanta perfeição como se fôsse cortado pelo diamante.

Para limpar a prata é de óptimos resultados a pomada feita com álcool e branco de Espanha em quantidades iguais, adicionada depois com uma quarta parte de amoníaco. Usa-se como qualquer outra pomada.

O que as donas de casa devem saber

O mel é dos remédios mais eficazes na cura de muitas doenças da boca, garganta e aparelho digestivo.

Cura as aftas da língua, clarifica a voz, faz bem à bronquite, anginas, constipações e asma. Em todos estes casos toma-se às colheres, demorando-o na boca e engolindo lentamente.

O mel tomado com água ou leite quente é um pouco de rum ou conhaque, faz transpirar e cura constipações e reumatismo. O uso habitual do mel, na alimentação, perfuma o hálito, dá vigor e beleza.

Na antiga Grécia o mel era um alimento apreciadíssimo e a beleza das gregas era resultado da sua alimentação e vida higiénica. Os antigos, diziam que os deuses do Olimpo viviam do hidromel.

É o doce que a natureza nos oferece perfumado com o aroma das flores, das urzes dos montes, e, que de região para região muda de sabor, segundo as flores, de que as abelhas o extraem.

Misturado com um pouco de vinagre é um explêndido gargarejo, quando há inflamação na garganta, com água bem quente dá um explêndido dentífrico. Amacia e suavisa a pele, quando usado em partes iguais. Esfregando à noite a cara com água e mel evitam-se as rugas.

Receitas de cozinha

«Steak» grelhado com môlho de tutano: Chama-se «steak» a um traço de carne, que se corta do vasio ou do lombo, á razão de 100 a 125 gr. por pessoa. Deve bater-se com o maço, para amolecer; tempera-se com sal e pimenta e barra-se com muito azeite ou banha, e melhor ainda com manteiga, colocando-se sôbre a grelha. Vai ao lume forte, virando-se de um lado e de outro. Depois modera-se o calor, para que se faça a cozedura ao ponto que se deseja.

Môlho: Deita-se numa caçarola cebola picada, tomilho ou louro, uma pitada de pimenta e um copo de vinho maduro. Reduz-se êste vinho a 3 colheres, pouco mais ou menos; juntam-se-lhe 2 decilitros de caldo.

Deixa-se ferver durante 10 minutos e junta-se-lhe meia colher de fécula desfeita em água fria. Ao mesmo tempo cortam-se em dados 60 gr. de tutano de boi, fresco, que se deitam em água quente temperada com sal. Passa-se êste môlho num pano, e, fora do lume deitam-se-lhe 75 gr. de manteiga e mistura-se o tutano bem escorrido. Tempera-se novamente. Põe-se o «steak» numa travessa deita-se o môlho por cima e enfeita-se com salsa.

Mimos: 12 claras, 600 gramas de açucar refinado. Batem-se as claras com o açúcar e deixam-se às colheres num taboleiro forrado de papel. Vai ao forno a cozer levemente. Querem fogo lento.

De mulher para mulher

Alda: Não tome tanto ao trágico acontecimentos insignificantes. Nós devemos tratar de tornar menores, os que são grandes e não avantajar os pequenos. Não vejo a sua felicidade ameaçada pelo que me diz. Tenha paciência, e, tudo se modificará. Não caia na tolice de pintar o cabelo de louro. Amanhã o seu marido diz, que acha interessante uma mulher de cabelo negro e tem de o pintar dessa côr. Conserve o seu tipo, que é ainda para êle o mais interessante.

Violeta: Do coração lhe agradeço e desejo-lhe também as maiores felicidades, para 1937. Seja sempre a mulher forte da Escritura e será sempre feliz, e bem o merece a minha fiel leitora que sempre tão gentil se mostra.

Mãi feliz: Que o seja sempre e os seus encantadores bébés lhe dêem os maiores motivos de regosijo é o que lhe apeteço com sinceridade. Saia com êles todos os dias, embora chova. Muito bem abafados e com tôda a cautela, só lhes faz bem, habituando-os a não se constipar a qualquer mudança de tempo.

Higiene e beleza

Diz-se muita vez, que o nariz não é feição, mas não é bem assim. Não só é feição, mas é bem proeminente na cara e é uma das feições que dá mais na vista. Se a sua forma não é correcta não a podemos modificar e temos de nos resignar a possuir tôda a vida um nariz que nos não agrada, mas ao qual acabamos por nos habituar.

Mas o que é terrível é quando a «couperose» o avermelha e desfigura tornando feia a mais linda cara. É contra isso que é preciso lutar e remediar o mal, tratando-o logo às primeiras ameaças e é uma coisa que se trata fàcilmente, seja pela maçagem, seja pelos produtos que activam a circulação local.

Deve começar-se por uma lavagem com um sabonete de enxofre e depois aplica-se a seguinte pomada:

Ácido salicílico, 2 gr.; óxido de zinco, 25 gr.; vaselina, 18 gr.; benjoim, o necessário.

Em pouco tempo o nariz está da sua côr natural e a «couperose» desaparece.

Pensamentos

Na maioria os grandes são máscaras de teatro e assim a sua aparência se impõe á multidão idolatra.

A felicidade consiste em saber contentar-se com a sua sorte, e, não ambicionar o que não se póde ter.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 74

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

I CONGRESSO CHARADÍSTICO PORTUGUÊS

CONVOCAÇÃO

A fim de se eleger a Comissão Organizadora do I Congresso Charadístico Português são convocados todos os confrades a reünirem-se na sede da TERTÚLIA EDÍPICA, na Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Sala 26, no dia 17 do corrente, às 17 horas.

CORREIO

Luiz Carvalho — Pôrto. — O «Dicionário do Charadista», de A. M. Sousa, e o «Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa», de J. S. Bandeira, custam, respectivamente, 180$00 e 55$00. Pode adquiri-los, querendo, na «Tertúlia Edípica», Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Sala 26. Pelo preço que indica, o dicionário de Morais da Silva é caríssimo; não deve dar mais que 80$00 a 100$00. Esta última informação é dada sem exemplo, visto não ser essa a nossa missão neste campo.

A sua idéia representa, realmente, uma obra grandiosa e fenomenal, mas de tão problemática consecução como a quadratura do círculo! Tem 100 % de inconvenientes — e entre êles um que seria bastante para assustar o mais intimorato empreendedor: o caso da venda — ninguém o compraria, creia! Pondere bem o *magno* problema em tôda a sua latitude — e dar-me á razão... e, se assim não suceder, o Tempo, que continua a ser o grande mestre, se encarregará de lhe provar a verdade que se recusar a reconhecer. Quanto ao resto, nada tem que me agradecer.

Dr. Sicascar — Luanda. — De harmonia com os seus desejos fiz alteração da dedicatória. Quanto à outra charada cuja rectificação me pede não a encontro no arquivo nem tenho idéia de me ter passado pelas mãos.

Ti-Beado — Luanda. — Agradeço-lhe sinceramente a remessa dos apuramentos referentes ao 1.º Semestre de 1936, que ficam aguardando o envio dos apuramentos do 2.º Semestre, para serem publicados em conjunto, na forma do costume.

Tem tôda a razão na observação que fêz na sua carta àcêrca do caso *Outras Distinções*. Mais um lapso a acrescentar a tantos que se têm verificado nesta secção, felizmente de pouca importância. Muito grato pelas suas atenções.

APURAMENTOS

N.º 65

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

YZINHA
N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ELSA
N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 4, D. Solidão; n.º 16, Ziúl.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 18 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, X 505.

QUADRO DE MÉRITO

Rei Mora, 17. — Ti-Beado, 17. — Capitão Terror, 14. — Salustiano, 14. — Rei Luso, 14. — Só-Na-Fer, 14. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 14. — João Tavares Pereira, 14. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 14. — Lamas & Silva, 12. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. — D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Corda-dato-cordato. 2 — Taró-rocas-tarocas. 3 — Paro-rôla-parola. 4 — Mar, lar, mor, mal. 5 — Piririca. 6 — Fiasco. 7 — Toleirão. 8 — Fagulha-faiha. 9 — Legume-leme. 10 — Medula-mela. 11 — Falido (no *destino li*). 12 — Fala-lado-falado. 13 — Ler ver, lar, léu. 14 — *Arfar*. 15 — Avinagrado. 16 — Nana. 17 — *Aviso-aso*. 18 — Marido arca, mulher barca.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) O seu *ardil* não me causa *abalo moral* nem a sua *paixão predominante*. (2-2) 3.

Lisboa — *Moreninha*

2) *Ampular* uma perna a um recém-*nascido* é um acto *miserável?* (2-2) 3.

Lisboa — *Vina*

METAGRAMA

3) V. não me «*pilha*» a *camisa* nessa *luta*, diz a «*mulher*» — e eu *concordo*. (4-5).

Lisboa — *D. Aurora*

NOVÍSSIMAS

4) O *ócio* faz desaparecer as boas qualidades, do mesmo modo que a *luz* do *pirilampo* morre ao nascer o dia. 2-2.

Luanda — *Conde de Monte Cristo*

(A Mefistófeles)

5) O teu *pato* não é *nada retrógrado*. 2-1.

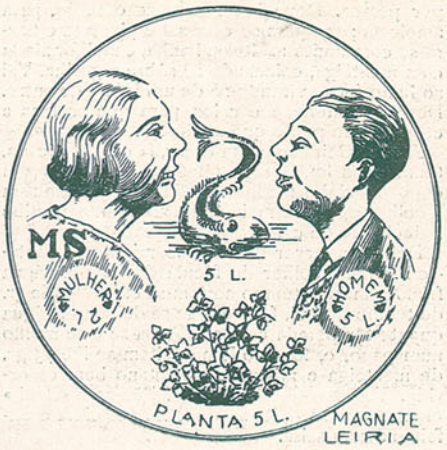
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

6) É facto *verdadeiro* ser uma *impertinência* olhar para a *mulher que chora muito*. 2-2.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

14) ENIGMA FIGURADO



TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

7) Com graça o homem dizia
No restaurante ao criado:
«— Ó rapaz, que porcaria!
«Êste peixe está *salgado!*

Lisboa — *Kardónis*

8) Com duas letras apenas
Da classe das consoantes,
Indivíduo do fôro
Verão, dos mirabolantes.

Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICA

9) *Parte do lucro* não chega
Para *qualquer* se salvar.
Como os *apertos* receio,
Eu cá ponho-me a «cavar»... —(2-2) 3

Lisboa — *Kid-Nyo*

(Decifração da novíssima a prémio publicada no «Desporto» n.º 71)

10) Fêz-me chorar de tristeza
A sua história tão bela.
Lembrou-me certa janela,
Onde minha alma está prêsa
A outra, pura, singela!

Também eu, quási sem querer,
— Tão suave, de mansinho —
Fui amando o meu vizinho.
E hoje, prefiro morrer,
A perder o seu carinho.

Foi o tempo assim correndo,
Após um dia, outro dia,
E sempre a mesma alegria.
O coração só sofrendo
Nas manhãs em que o não via!

Um dia — pobre de mim!
Fechei p'ra sempre a janela.
Não mais assomei a ela...
Tudo na vida tem fim!
— Que triste hora foi aquela.

Mas que importa que eu não veja
O meu Bem a tôda a hora?
Se o meu amor êle implora,
E no ardor com que me beija
Sinto bem quanto me adora!

E no seu amor constante,
Êle sempre me *galanteia:* — 3
Nem «*nota*» como sou feia — 1
O seu coração *amante*
Que pelo meu sempre anseia!

Lisboa — *Yzinha*

(A Sileno, muito ilustre colaborador desta Secção, com as desculpas de uma principiante).

11) **S**into muito lhe dizer,
Inda que por o fazer
Louca fama assim adquira:
Eu não posso *concordar*
Não o ouvir lamentar
O silêncio de Mad Ira!

Lá pelo «ménage» a *prender*,
Não a devia esquecer...

Yzinha

SINCOPADAS

12) Uma *dansa alegre e viva*,
Sendo por menina nova,
Dansa-se até com prazer
Mesmo à beira duma *cova*... — 3-2

Tomar — *Mar Said*

13) Não é fácil caçar
Um grande *bisbonte*
Estando a pastar
Em *mata* ou monte. — 3-2

Luanda — *Ti-Beado*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Rádio Clube Portuguez

Com uma enorme e selecta concorrência realizou-se na noite de sexta feira 8 do corrente, nos salões do Rádio Clube Português, na Parede, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, à frente da qual figurava o nome da sr.ª D. Laura Palha Infante de la Cerda, e cujo produto se destinava a favor da Obra de Auxílio a Doentes Pobres, e que constou de concerto pela hilariante orquestra «Aldrabofona» composta de grande número de rapazes pertencentes a famílias da nossa sociedade elegante, que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em evidência o seu fino espírito, recebendo nos finais dos vários números que executaram, frenéticos aplausos da selecta assistência que enchia por completo o salão do Rádio Clube Português.

No Palácio

Organizada por uma comissão de meninas da nossa primeira sociedade da qual faziam parte Francisca Maria de Vasconcelos e Sousa, Manuela Correia da Cunha, Maria Ana Burnay Carvalhosa, Maria Armando Pequito Ferrão Mora, Maria Francisca Vasconcelos Porto Pereira Machado, Maria Helena Bivar Vasconcelos, Maria Helena Leite de Matos, Maria de Lourdes Gilman, Maria Manuela Campos Henriques de Almeida Rosário, Maria del Pilar Campos Henriques de Almeida (Pinhel), e Maria Tereza Beltrão de Albuquerque, efectuou-se no Cinema Palácio, uma tarde de cinema de caridade, cujo produto se destinava a favor da Casa de Repouso de Nossa Senhora de Fátima, a qual foi elegantemente concorrida, tendo decerto a comissão organizadora ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

No São Luís Cine

Neste aristocrático «cine» da rua António Maria Cardoso, foi levada a efeito na tarde do dia 13 do corrente, uma festa de caridade, que constou da exibição de um sensacional programa de filmes, entre os quais figurava o «Pequeno Lord», sendo o produto da mesma destinado ao fundo da Obra de S. João Bosco «Oficinas de S. José», estando a sua organização a cargo de uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Ana Barros Lamas, D. Ana d'Orey Quintela, D. Beatriz de Viveiros Henriques de Távora da Silva Pereira, D. Berta Mauperrin de Castelbranco, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, Condessa de Mendia, Condessa de Monte Real, Condessa de Valbom, Duquesa de Palmela, D. Laura Avelar da Silva, D. Maria da Assunção Viana de Siqueira, D. Maria Benedita Oriol Pena, D. Maria Emília Brandão Palha, D. Maria Luísa de Vilhena Magalhãis Coutinho da Câmara, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Maria da Piedade Lemos de Macedo Santos, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Tereza Lobo de Almeida de Vilhena e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha.

O aspecto do vasto salão do São Luís Cine nessa tarde, era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunida tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante. A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto mundano, como sobretudo financeiro.

Festas elegantes

No Palácio Foz

É com prazer que registamos, que a iniciativa dos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, em levar a efeito aos magníficos salões do Palácio Foz, onde se encontra instalado o Clube dos Restauradores (Maxim's), várias festas destinadas à nossa primeira sociedade, tem sido coroada de êxito, êxito que decerto era de esperar, visto que os seus organizadores são dois rapazes que sabem bem o que devem ao meio que frequentam, por isso os seus nomes, são uma garantia de que a selecção será completa, e isso que afirmamos provam os nomes das famílias que ali têm concorrido abrilhantar as festas com a sua presença, tanto na «ceia do fim do ano», como nos «chás dançantes» dos domingos.

Damos em seguida uma nota da freqüência a essas festas:

Condessa de Hennezal, condessa de Santer, condessa de Pinhel, viscondessa de Botelho, D. Maria Carmina Freire de Andrade de Sousa Lobo, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Alice Coelho de Vasconcelos Sanches de Castro da Costa Macedo, D. Maria Luiza de Vasconcelos Pôrto Teles, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Maria Pery de Linde Peixoto e Cunha, D. Beatriz Braga de Melo, D. Idalina Alda de Oliveira Aguiar, D. Albertina Garcia Rosado Palhinha, D. Mariana Teles Guedes, D. Maria das Dôres da Silva Monteiro, D. Maria de Lourdes Moreira de Campos, D. Maria Luiza de Borja Trindade, D. Fanny Fonseca, D. Maria Izabel Guerreiro Melo e Souza, D. Delfina Mesquita, D. Andrêa Pinto da Rocha, D. Henriqueta Clington Carp e filha, D. Emide Polnay de Castelo Lopes, D. Aurélia Fidansa de Lemos Lisboa, D. Maria Júlia de Abreu, D. Maria Cristina de Castelo B anco Pimenta da Gama, D. Ernestina de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Alice da Fonseca de Sousa Rego, D. Julieta Miranda Correia da Silva, D. Maria Noémia Correia da Silva de Ataíde Tavares, D. Izilda de Vasconcelos Salgado e filhas, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Irene de Sousa Loureiro, D. Claudina Franco dos Santos, D. Carolina Baptista de Oliveira, D. Berta de Oliveira Corrêa Neves, D Elza Barrozo, D. Maria da Conceição Paraiso Duarte Mourão, D. Heloisa Maria Cid de Bastos Guerra, D. Maria Amélia de Lima dos Santos Alpoim, D. Maria Luiza Gomes de Miranda Teixeira, D. Maria Izabel Lente, D. Maria da Conceição Barata Alpoim Crillinovich da Silva, senhora de Rocheta, D Eliza Waddington, D. Maria Emilia Cabral da Silva Fernandes Torres, D. Alice Guerreira, D. Maria Lucinda Teixeira de Araujo Gomes, senhora de Alberto Neury, D. Clara Maria de Souza Loureiro Brito e Silva, senhora de Côrte Real, D. Alzira Colaço Cordeiro Ramos, D. Maria Izabel Couceiro da Silva, D. Gabriela Nobre Sobrinho, senhora de Carneiro Leão e filhas, D. Mariana Moache Gomes da Silva, senhora da Fonseca e filha, D. Stela Barbosa Gomes, D. Lilia D. Branca e filha, senhora de Bouzel, D. Alexandrina Saraiva de Souza e filha, senhora de Manoel de Assunção e filhas, D. Irene Barbosa, D. Adelaide d Almeida, senhora de Saul de Almeida e filha, D. Maria de Macedo e Brito e filhas, D. Elvira Lebre Prado, D. Maria dos Remédios Crespo de Melo Maria, senhora do dr. Pedro de Albuquerque, D. Deolinda Gomes e filha, D. Maria Palmira de Noronha Barros, D. Júlia da Costa Soares Teixeira, D. Maria Luiza e D. Sára Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Barbara de Castelo Branco de Castro e Almeida, D. Lia Marques Ribeiro, D. Julieta Pinto Soares, D. Maria do Ceu Lacerda, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Maria Izabel Ferreira de Castro de Vilhena, D. Maria Emiliana Cabral da Silva, D. Rosa Franqueira da Costa, D. Alzira Marques da Costa, D. Palmira Navarro Viana Bastos, D. Valquira Ribeiro, D. Maria Antonieta Pereira Rodrigues, etc., etc.

Casamentos

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Natalina de Azevedo Alcantara, gentil filha da sr.ª D. Gertrudes de Azevedo Alcantara e do nosso querido amigo sr. Vicente Alcantara, empresário dos cinemas Palácio e Odeon, com o sr. Albertino Laires Ferreira da Silva, filho da sr. D. Virginia Laires Ferreira da Silva e do sr. Francisco Ferreira da Silva, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Alice Laires Ferreira da Silva e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Arlindo Laires Ferreira da Silva, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Praia da Vitória, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para Mangualde, onde fôram fixar residência.

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter visto as sr.as:

D. Alice Laire Ferreira da Silva, D. Maria Oliveira de Almeida, D. Aurora Moreira Ventura, D. Margarida Martins Insua, D. Sára Cordeiro, D. Emília Pereira da Costa, D. Dinorá Rechena, D. Laura Pereira, D. Laurinda Pereira Guerra, D. Alice Miranda Bouchet, D. Maria Leticia Doria Oliveira, D. Maria Fernanda Lisboa de Almeida, D. Maria Manuela Doria Oliveira, D. Maria Luiza Corrêa Cunha, D. Maria Céu Pereira Rodrigues, D. Maria Vitória Rodrigues de Mendonça, D. Ana Malveira, D. Gabriela Gaspar Carreira, D. Albertina Duarte, D. Noémia Malveira, D. Lucília Ferreira e filha, D. Branca e D. Dulce Rechena.

E os srs:

Francisco Ferreira da Silva, Arlindo Laires Ferreira da Silva, Manuel Serra Amaral, D. Tomaz Maria de Almeida, Ramiro Pais, José Gaspar Carreira, Artur Rocha Ventura, António Martins Insua, Eduardo Rechena, Carlos Martins Insua, dr. António Pedro Martins, José Pereira Junior, dr. Leopoldo Laires, João Hemiterio Bouchet, Hemiterio Luís Baptista Oliveira, Alberto Doria de Oliveira, José Mendonça Fortunato, Mário Malveira, José Lopes Duarte Malveira, Arnaldo Mota Rebelo, Alexandre Cordeiro, Carlos Insua, Agripino Ramos de Oliveira, Joaquim Cordeiro e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os ilustres donos da casa e seus filhos fôram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas belas qualidades de carácter.

—Celebrou-se em capela armada na residência do pai do noivo, o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Franco Leitão, gentil filha da sr.ª D. Antónia de Sousa Franco Martins Leitão, e do sr. Raul Martins Leitão, com o sr. Alberto José Neto Rebelo Maia, filho da sr.ª D. Izabel do Carmo Neto Rebelo Maia, já falecida e do sr. Alberto Ferreira Maia, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Celestina Meira e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido no elegante salão de mesa um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para as Caldas da Raínha, onde fixaram residência.

D. Nuno

Na paroquial de Gondomar realizou-se há dias o casamento da Ex.ma Sr.ª D. Beatriz Cardoso com o Ex.mo Sr. António Pereira de Sequeira, proprietário em Trás-os-Montes. A nossa fotogrrafia representa os noivos com as suas damas de honor

HUMORISMO

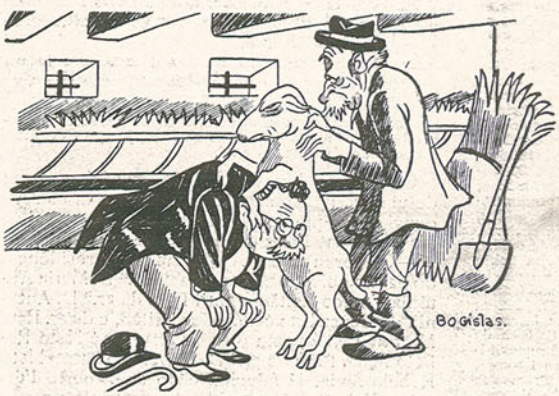
A avó, repreendendo a neta:
— Olha, Lili. Vou mandar chamar o diabo para te levar.
— Não tenho medo porque o diabo vém nunca.
— Porque dizes isso?
— O papá diz todos os dias, falando da avó: "que o diabo a leve!„ e a avó ainda cá está...

■

— O café faz mal à saúde. E' um veneno lento.
— Ora, o meu avô toma café a tôda a hora, e tem setenta e oito anos.
— Pois sim, mas se não tomasse café, talvez tivesse hoje noventa anos.

■

Tendo um provinciano parado em frente dum estabelecimento de fato feito no Largo de S. Paulo, o caixeiro faz todos os esforços para o atraír.
— Vai vestir um dos magníficos fatos que mais ninguém vende em Lisboa.



O veterinário, auscultando o cão que se encontra enfermo:
— Respira fundo... Anda, bichinho, faz béu-béu!

Verá que nunca comprou melhor e mais em conta. Artigo afiançado.
— Se me vendessem um fato como êste que trago vestido. Foi feito em Coimbra.
— Ora essa! Temos muito melhor. Trabalha-se aqui melhor do que em Coimbra.
— Não como êste. Pelo menos, estou convencido disso.
— Mas que especialidade nota nesse fato que, além de estar mal feito, é ordinaríssimo?
— É que o comprei fiado, e ainda o não paguei!

■

— Meu pai foi um benemérito. Levou a vida a enxugar as lágrimas a milhares de pessôas.
— E tinha meios para isso?
— O mais seguro de todos. Era fabricante de lenços.

■

Uma nova rica, preparando-se para ir a um baile, diz para o marido:
— Tenho a certeza de que as Soisas vão morder-se de inveja com o meu colar.

— Sabes o que te digo, Júlia, põe também a etiqueta do preço de maneira que se veja bem, não vão supôr que é falso.

■

No inventário dos géneros existentes na loja de um negociante falido, o administrador diz para o escrivão:
— Ponha lá uma garrafa de vinho do Porto.
O escrivão vacila um momento, levanta-se, desrolha a garrafa, e cheira-a demoradamente.
— Isto é Carcavelos — decide êle por fim.
— Qual Carcavelos. Vê-se que o sr. de vinhos não entende nada.
.....
Dez minutos depois, o administrador diz para o escrivão:
— Bem... Ponha lá, uma garrafa vasia.

■

Numa audiência de divórcio, o juiz procura reconciliar os cônjuges.
— Como querem que eu lhes faça a vontade, dando a sentença que desejam? Não há maus tratos, nunca bateram um no outro!
— Ah! mas não foi por falta de ocasiões! — diz o marido suspirando.

■

Um fidalgote, dando-se ares de grande senhor na sua aldeia, tentou meter a ridículo um pobre diabo que andava a vasculhar num monte de sucata. Como o visse mexer com o pé numa ferradura, preguntou-lhe:
— Estás a vêr se êsse sapato te serve?
— Não, senhor. Estou a vêr se o seu pé é maior do que o meu.

■

A senhora, indo surpreender a criada a beber-lhe o vinho do Pôrto:
— Francamente, estou surpreendida!
— Também eu, minha senhora. Calculei que a senhora estivesse no melhor do seu sôno.

■

— Mataste alguma coisa? — preguntou um indivíduo a um amigo que voltava da caça.
— Matei um pato...
— Bravo?
— Não. Bravo era o dono.

■

Um marselhês contavava um episódio da guerra contra os krumirs:
— Um dia, afastando-me do acampamento, esbarrei com três árabes que investiram contra mim furiosamente... Não hesitei um instante... travei da baioneta e enfiei...
— Os três árabes?
— Não, senhor. Enfiei pelo primeiro atalho que encontrei.

O marido, esbaforido, ao primeiro polícia que encontra:
— Acabo de agredir, minha mulher... Prenda-me já por amor de Deus!

■

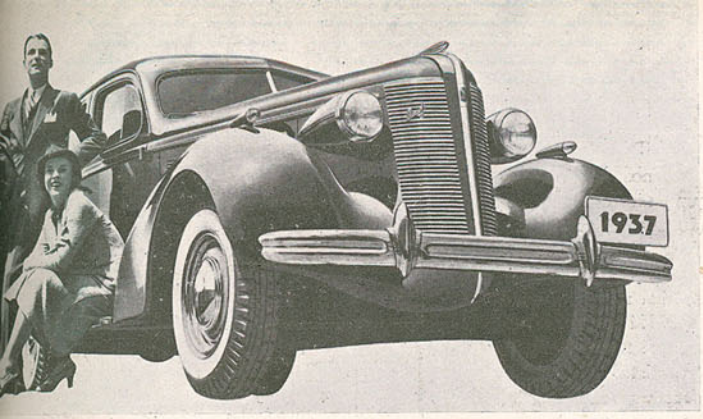
A arara para o seu par:
— Estás cada vez mais bonita... Beija-me!
A requestada olhando para a dona que se encontra ao pé lendo o jornal:
— Cala-te! Olha que ela vai repetir tudo o que ouve!

■

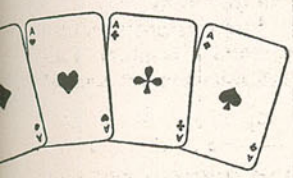
— Onde tencionas ir passar as tuas férias?
— Para o Buçaco.
— E quanto tempo calculas demorar-te por lá?
— Aí coisa de dois contos e quinhentos...

■

Carolina deu ao seu namorado, como presente, um par de meias. Ele comove-se, e diz-lhe chorando:
— O' Carolina... estas meias... nunca mais as tiro dos pés!



Um dos novos modelos do Buick



O decisivo triunfo do Buick 1937

Ficou emfim satisfeita a curiosidade do nosso público excitada pelos quatro azes que há tempos se vinham notando na nossa imprensa periódica, principalmente dos que se interessam pelo automobilismo, pois que, como depois se verificou, de automóveis se tratava, e nada menos do que do Buick, a famosa marca americana que de há muito já se firmou em inegualavel posição no nosso País.

Foi na passada segunda-feira 11 que no seu Stand da Avenida da Liberdade 216, actualmente modernisado, abriu a exposição dos novos modêlos, e manda a verdade que se diga que o êxito alcançado em tão curto espaço de tempo excedeu as mais lisongeiras expectativas. Não há dúvida que o Buick não dorme sôbre os louros colhidos, antes se vai aperfeiçoando de ano para ano, não só na sua mecânica até agora inegualada, como na inexcedivel elegância das suas harmónicas linhas.

Teve o público que por ali tem passado, em constante romaria, o ensejo de apreciar a incontestavel maravilha dos carros americanos de notável belesa transatlantica, reunindo nêstes modêlos de 1937, um conjunto de caracteristicas de que só êle dispõe e que devemos enumerar.

Motor de valvulas à cabeça, oito cilindros em linha
Suspensão independente (acção rotular)
Veio de transmissão blindado
Estabilisadores duplos, à frente e atrás
Direcção de «contrôle» centralisado
Transmissão sincronisada
Travões e amortecedores hidraulicos de acção dupla.
Carburador tipo de aviação
Arranque e estrangulador de ar, automáticos
Contrôle automático do arrefecimento do motor
Ventilação sem correntes de ar.

Tem sido incontestavelmente um assinalado triunfo a exposição dos lindos modêlos Buick de 1937, cujas qualidades resaltam brilhantemente da artística decoração do seu Stand a que não faltam plantas, flores, reflectores electricos, num apreciavel conjunto, invulgar em certames desta naturesa. Os novos Buicks em que há carros das mais vistosas côres, preto, grenat, beije, verde, azul, merecem a visita dos que apreciam um bom automovel.

Os progressos da Jalco, L.da

Ao registarmos no nosso primeiro número de 1935 a inauguração no ano anterior do novo estabelecimento de móveis e decorações na rua Ivens, sob a firma Quintão L.a, augurámos-lhe um êxito seguro, e decorrido êste praso pode considerar-se justamente confirmado o nosso vaticínio. Em pouco mais de dois anos os seus constantes progressos proporcionaram-lhe um desonvolvimento tal que hoje, sob a sua nova firma Jalco L.da ocupa um logar de destaque entre as primeiras casas da especialidade do nosso País.

Recrutada a sua vasta clientela nas melhores classes da nossa Sociedade as exigências desta levaram-na a imprimir um cunho original e artístico em todos os trabalhos executados nas suas oficinas ou adquiridos nos mais afamados centros.

Estabelecimento moderno, de linhas elegantes, rasgadas vitrines e espaçosos salões de exposição, a Jalco não faria má figura em qualquer das grandes capitais cosmopolitas. Ali de tudo se encontra no que diz respeito a mobiliário do mais requintado gôsto artístico em linhas modernas ou estilo rigoroso, lustres e candieiros, tapeçarias e cortinados e uma variedade infinita de bibelots para completar qualquer decoração.

Justifica-se êste sucesso pela orientação do seu principal impulsionador, João Jorge Alcobia, que se aperfeiçoou nos mais adiantados centros da Europa que várias vezes percorreu afim de estudar todos os progressos desta especialidade e adaptá-los ao nosso meio. Foi assim que, abrindo em 1934 esta casa, quando abundavam já os estabelecimentos congéneres, alguns de reputada fama, a Jalco conquistou de direito o justificado renome de que hoje usufrue.

Para mobilar uma casa, decorá-la com bom gôsto e senso artístico, guarnecê-la convenientemente, a Jalco possui bem apetrechadas oficinas e um pessoal técnico dos mais competentes. E quem quiser convencer-se do que afirmamos que se dirija à rua Ivens 44, que só para apreciar aquela exposição vale a pena a visita.

E ainda, como complemento útil, inaugurou a Jalco L.da, na segunda feira 11 do corrente, na rua Paiva de Andrade, 7 a 13, uma sucursal que apresenta curiosos móveis rústicos, tecidos, estofos, bibelots e carpetes de uma nova criação da Fábrica de Tapetes de Beiriz, com a marca «Estrêla», dispondo também do exclusivo de venda para o Sul do País dos consagrados Tapetes da Ponte da Pedra.

O Graham's Bar no Jardim Carlos Anjos

No mês de Outubro do ano findo inaugurou-se solenemente no Monte Estoril, num vasto terreno até então inaproveitado, o Jardim Carlos Anjos, melhoramento de incontestável utilidade para esta localidade, sem dúvida uma das mais aprasiveis da Costa do Sol.

Decorado com belas plantas e lindas flores, com o seu pequeno lago, baloiços para as crianças, alguns bancos resguardados pela sombra de

O Jardim Carlos Anjos, no Monte Estoril

frondosas árvores, êste novo empreendimento representa uma rial vantagem, não só para a população d'aquela zona, como para os estrangeiros que por ali passam algumas temporadas.

Ao fundo dêste jardim, com frente para o mar, foi edificado um elegante pavilhão, de linhas modernas, cujo pavimento superior, admirável ponto de vista sôbre o Oceamo, se destinou a um Bar, objectivo êste que bem merece a simpatia do público, tanto mais que a respectiva concessão recaiu sôbre uma firma que merece a maior confiança, G. & J. Graham & C.a, que se estabeleceu em Lisboa em 1809 e iniciou no Pôrto, em 1826 a exportação dêstes vinhos generosos, tendo atingido um movimento tal que durante os primeiros ceim anos exportou vinhos do Pôrto, das mais finas qualidades, em quantidade suficiente para encher 120 milhões de garrafas ou 75 milhões de litros.

Os seus armazens da Quinta do Agro, em Gaia, expressamente construidos para esta firma, tem no seu corpo principal espaço bastante para comportar no mesmo pavimento cêrca de dez mil pipas, dispondo ainda de uma bem apetrechada tanoaria.

Possui também na região duriense, perto do Tua, a Quinta de Malvedos, adquida em 1890 e na Régoa um completo armazem para aguardente.

Tomou-se assim o Bar do jardim Carlos Anjos um posto permanente de propaganda do vinho do Pôrto a que o nome de Graham dá a melhor garantia, das conservas de sardinha que ostentam a mesma firma, encontrando-se também ali à venda os jornais e revistas inglêses de maior nomeada. Se foi deveras útil a instalação do Jardim Carlos Anjos foi também acertada a escolha do Concessionário do Pavilhão, uma firma cujo nome está tão intimamente ligado à indústria e comércio da nossa terra.

Um canto duma varanda, da casa do sr. Pedro Costa

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 6, 5.
Copas — 4, 3.
Ouros — — — —.
Paus — D. V. 10.

Espadas — D. Copas — 10. Ouros — R. 9, 8. Paus — R. 9, 8.

N
O E
S

Espadas — 10, 9. Copas — D. Ouros — 6, 5, 4. Paus — 7, 6.

Espadas — A. 8.
Copas — — — —.
Ouros — D. V. 10.
Paus — A. 5, 4.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz 6 vasas.

(Solução)

S joga o 3 de copas e *N* faz o Rei de copas *N* joga 9 de paus, que *S* corta com 4 de espadas. *S* joga 8 de espadas e *N* o 10 de espadas.

S trunfa quatro vasas para obrigar *E* a baldar-se. Na última trunfada *E* tem

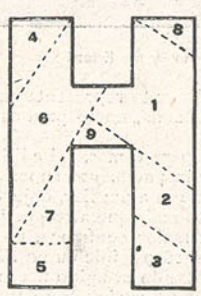
Copas — D. 8, 6
Ouros — A.
Paus — D.

se quizer defender a Dama de copas. Para a conservar, tem de se baldar a Ás de ouros ou Dama de paus. Neste caso, *N* jogará Dama de ouros ou Valete de paus e *S* faz tôdas as vasas.

Se *E* se baldar a copas, *N* joga copas e *S* faz tôdas as vasas.

Reconstrução duma letra

(Solução)



Num hospital de Kansas City, nos Estados Unidos, foi internada uma senhora cuja pele era azul. Dois dias depois a pele tornou-se purpúrea, em seguida côr de vinho e ainda depois, amarelo-escuro. Ignoram-se as causas destas mudanças género camaleão.

Desesperado pelos soluços que o não deixavam sossegar um instante, um rapaz na Califórnia tentou suicidar-se com uma bala de revolver. Ao engatilhar a arma, o soluço salvou-lhe a vida, desviando-lhe a mão.

Sons misteriosos

Descobriu-se recentemente nos Estados Unidos um pedaço de areia que emite um som melodioso de assobio quando alguém passa por cima dela. Em todo o país há algumas setenta areias semelhantes, mas a maior parte delas emitem sons cantantes. A América não é o único país em que a terra tem voz. Há viajantes, nos desertos do Norte da África que têm sido iludidos por um riso horrível e trocista.

No Chile, há areias que fazem um ruído surdo, semelhante ao do trovão, e uma montanha que geme e parece chorar, o que os indígenas atribuem a cousa sobrenatural.

Uma montanha em Nevada, emite muito distintamente um som de campaínhas e em certas porções das praias das ilhas Hawaï notam-se sons semelhantes ao ladrar dos cães.

Têm sido apresentadas pelos cientistas muitas explicações plausíveis dêstes fenómenos mas nada há que satisfaça plenamente, tanto mais que não existem ecos, em extensões arenosas.

As árvores transplantadas

(Problema)

Vê-se, neste desenho, uma casa rodeada de árvores pequeninas, havendo doze de cada lado.

O proprietário, achando que tanto arvoredo junto iria fazer sombra demasiada à casa e tirar-lhe a vista das janelas, quis transplantar quatro árvores para outro lugar; arrancou, porém, oito e deitando fora quatro, tornou a plantar as outras quatro de tal forma que continuaram a ficar doze árvores de cada lado de casa, mas achando-se, todavia, esta em situação mais desafogada do que antes estava.

Como conseguiria o proprietário isto?

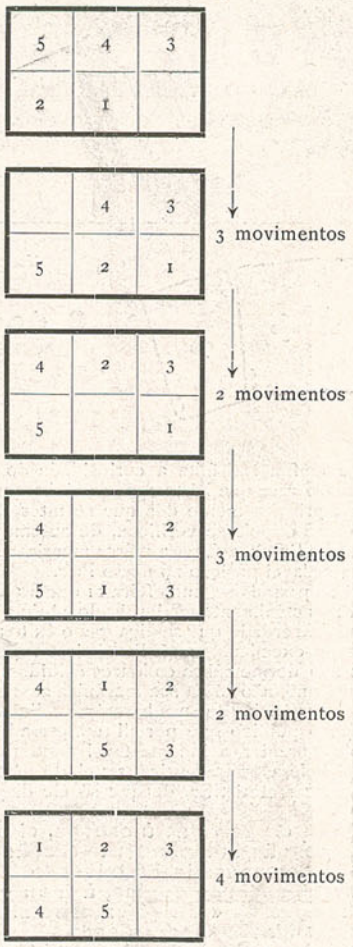
Cavaleiros da Tavola Redonda

O rei Artur foi um dos reis mais activos e mais valentes da Inglaterra. Foi êle quem, para incitar aos nobres feitos de armas e a tôda a sorte de valentia, fundou a Ordem dos Cavaleiros da Tavola Redonda. Para pertencer a esta Ordem, era necessário, primeiro, demonstrar a sua valentia num torneio ou num combate.

Os Cavaleiros da Tavola Redonda deviam, também, fazer o seguinte juramento: «de respeitarem o rei como se êste fôsse a sua própria consciência e a sua consciência tanto como ao rei; de combaterem os pagãos e defenderem Cristo; de percorrerem o mundo em busca de erros a emendar, e males a remediar; de nunca maldizerem e não prestarem ouvidos a nenhuma maledicência; de serem fieis à sua palavra como se fôsse a de Deus próprio; de só amarem uma mulher e de lhe prestarem culto durante anos, preenchidos estes de acções nobres até conseguirem merecê-la».

Os discos numerados

(Solução)



Portanto, catorze o número total de movimentos.

Transformação de um número

(Problema)

Escrever o número nove e mudá-lo para onze sem lhe alterar cousa nenhuma. Não adivinham como?

Uma mulher de Illinois, nos Estados Unidos, sofreu uma vez, durante mais de uma semana um verdadeiro ataque de bocejos. Bocejava de oito a doze vezes por minuto, dia e noite.

O noivo: — Sabe, ficamos encantados com êste magnífico presente que nos mandou. A propósito, para que efeito serve?
O convidado: — Ah! isso é para segurar os livros.
O noivo: — Esplêndido! *(Para a noiva):* — Minha querida, isto é para segurar os livros. Temos, realmente, de comprar um livro.

(De *London Opinion.*)

Um APTOFONE BRANCO ou ROSA ou VERMELHO ou AZUL

NÃO O TELEFONE SIMPLES INESTÉTICO OU ANTIGO

Substitua já o seu antigo aparelho por um APTOFONE

O custo é de Esc. 100$00

COMPANHIA DOS TELEFONES **Rua Nova da Trindade – LISBOA**

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Á VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 6.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA A
7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo . . . 10$00
Cada vol., brochado. . . . . 120$00
„ „ encadernado em percalina . . . 160$00
„ „ „ „ carneira . . . 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. . . . . 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . . 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. . . . . 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . . 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . . 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. . . . . 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. . . . . 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. . . . . 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . . 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. . . . . 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. . . . . 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. . . . . 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. . . . . 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. . . . . 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 – LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

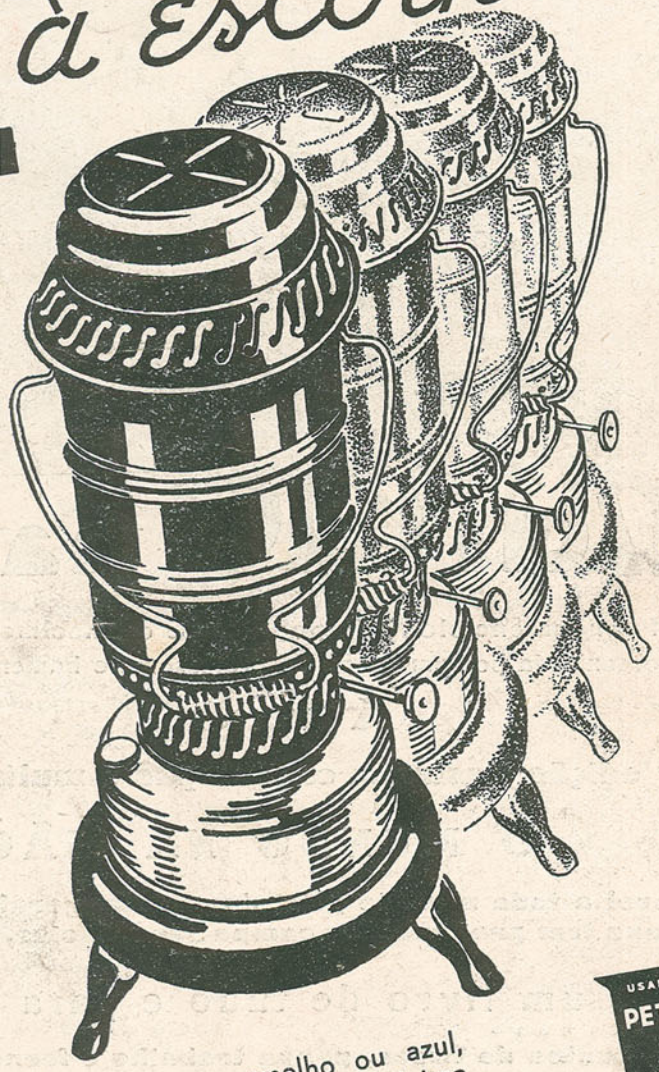
1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimemtos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

4 CÔRES à escolha ---



USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

Esmaltados de verde, preto, vermelho ou azul, os Caloríferos "VACUUM 99", asseguram a máxima economia, em virtude do grande rendimento térmico. São providos de sistema de gasificação regulavel, e fervem 1 litro de água em 6 minutos. Indispensáveis no conforto do lar.

CALORIFERO VACUUM 99

Só são "Caloríferos Vacuum 99" aqueles que teem gravada a marca VACUUM

1571